



1290000660



TCC/UNICAMP Sp36d

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ECONOMIA



MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A DIFERENCIAÇÃO DO PADRÃO DE COMÉRCIO DO BRASIL EM
RELAÇÃO À ARGENTINA E AOS PAÍSES DESENVOLVIDOS**

NICOLA SPERANZA

ORIENTADOR: PESQUISADOR CLÉSIO LOURENÇO XAVIER ✓

BANCA: PROF. DR. MARIANO FRANCISCO LAPLANE

CAMPINAS, NOVEMBRO DE 1996 ✓

**TCC/UNICAMP
Sp36d
IE/660**

JEDOC/IE

AGRADECIMENTOS

Esta monografia de conclusão de curso representa um esforço no sentido de aprofundar alguns dos conhecimentos adquiridos durante o meu curso de graduação em Ciências Econômicas no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Gostaria de agradecer algumas pessoas que tornaram possível a realização deste trabalho e outras que me ajudaram e estiveram sempre comigo durante todo o curso.

Agradeço:

ao Pesquisador Clésio Lourenço Xavier, meu orientador, pela sua paciência, compreensão, rigor e extrema competência acadêmica;

ao Prof. Dr. Mariano Francisco Laplane, pelo apoio sempre presente e estimulante;

ao CNPq pelo financiamento da pesquisa;

a todos os funcionários do CEDOC pela paciência, competência e tolerância;

aos meus amigos Ana Paula de Melo Guimarães, Adriano Casarotto, Cristina Alvarenga e Daniel Simões Prado Moreira, pelas intermináveis, porém divertidas, horas de estudo na B.C. e também pela companhia sincera e reconfortante de sempre;

a minha amiga Cássia Regina Nestler pela sua simpatia, sinceridade, companhia e compreensão neste momento difícil de minha vida;

às amigas e companheiras de trabalho da Oggi, Fernanda, Roberta e Ilse, pela infinita compreensão e auxílio de sempre;

aos meus pais pela paciência, amor, educação e por tudo mais.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS

CAPÍTULO 1 - OS PAPÉIS DAS ECONOMIAS DE ESCALA E DO INVESTIMENTO NO COMÉRCIO EXTERIOR

INTRODUÇÃO	1
1.1) AS ECONOMIAS DE ESCALA DE BRASIL E ARGENTINA	7
1.2) AS EMPRESAS TRANSNACIONAIS	14

CAPÍTULO 2 - A INSERÇÃO COMERCIAL BRASILEIRA

2.1.) ANÁLISE DA INSERÇÃO COMERCIAL BRASILEIRA	20
2.1.1) ÍNDICE DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS	20
2.1.2) ÍNDICE DE CONTRIBUIÇÃO AO SALDO	21
2.1.3) ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDUSTRIAL	21
2.2) A INSERÇÃO COM. DO BRASIL COM O RESTO DO MUNDO	22
2.2.1) A QUESTÃO DAS VANTAGENS COMPARATIVAS	22
2.2.2) O COMÉRCIO INTRA-INDUSTRIAL	23
2.3) ANÁLISE DO COMÉRCIO ENTRE BRASIL E ARGENTINA	26
2.3.1) AS VANTAGENS COMPARATIVAS DO BRASIL EM RELAÇÃO À ARGENTINA NO COMÉRCIO BILATERAL	28
2.3.2) O COMÉRCIO INTRA-INDUSTRIAL NA REGIÃO	33

CAPÍTULO 3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
--	-----------

ANEXO ESTATÍSTICO	34
--------------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA	58
---------------------	-----------

Capítulo 1

OS PAPÉIS DAS ECONOMIAS DE ESCALA E DO INVESTIMENTO NO COMÉRCIO EXTERIOR

1) Introdução

Com o esgotamento do modelo de substituição de importações ao final da década de 70, os países latino-americanos tiveram que promover, em momentos diferentes, uma reestruturação de seus parques produtivos. A reestruturação forjou mudanças também no padrão de inserção destes países no comércio internacional, assim como promoveu um incremento no grau de internacionalização destas economias. Esse incremento pode ser avaliado por meio da constatação do aumento dos coeficientes de importação e exportação¹. Como exemplo, mostramos a evolução destes coeficientes no caso brasileiro, desde o início da década de 80.

Tabela 1
Coeficientes de Exportação
Brasil

Setores/Ano	1980	1989	1993	1994
Tradicionalis	10.5	14.2	17.2	18.3
Insumos Básicos	5.3	22.9	24.8	22.1
Metalmec. e Eletroeletr.	8.3	18.1	19.4	19.2
Total	8.5	17.7	19.8	19.6

Fonte: Bielschowsky, R. e Stumpo G., pág. 170.
Versão Simplificada.

Tabela 2
Coeficientes de Importação
Brasil

Setores/Ano	1980	1989	1993	1994
Tradicionalis	1.9	4.2	7.2	8.3
Insumos Básicos	12.3	10.9	15.1	13.5
Metalmec. e Eletroeletr.	13.2	16.1	23.5	31.9
Total	7.7	9.2	14.1	16.7

Fonte: Bielschowsky, R. e Stumpo G., 1996, pág. 170.
Versão Simplificada.

¹ Os coeficientes de exportação e importação correspondem, respectivamente, à razão percentual entre valor das exportações e o valor bruto da produção e valor das importações e valor bruto da produção.

A característica predominante da reestruturação foi o fato dela ocorrer como uma reação das empresas à política recessiva e à grande instabilidade da década de 80. No início da década de 90, somou-se ao quadro recessivo a abertura comercial como determinante do comportamento das empresas.

Esse processo de reestruturação correspondeu à “racionalização e modernização da capacidade produtiva”². Os investimentos novos foram poucos e concentrados em apenas alguns setores.

A reestruturação pela qual passou a economia brasileira foi marcada pela manutenção da composição do parque produtivo herdado do modelo substitutivo, sendo que os eventuais ajustes apresentaram um caráter defensivo em relação ao que acontecia no cenário internacional³. Entende-se como “caráter defensivo” a opção pela racionalização e modernização pontual em detrimento de uma estratégia mais agressiva, as quais requerem novos investimentos em capital fixo. Esta tendência se intensificou nos anos 90 com o fracasso do Plano Collor de estabilização⁴.

Juntamente à reestruturação industrial, ocorreu uma mudança no padrão de inserção da economia brasileira na economia internacional. Esta mudança se evidencia pela alteração na composição das importações e exportações brasileiras no período, como se vê na Tabela 3. Um perfil mais detalhado das exportações e importações brasileiras na década de 90 pode ser visto nas tabelas 9, 10 e 11 do anexo estatístico.

A reestruturação atingiu os diferentes setores de formas igualmente diferenciadas. Os setores do grupo 2, nos quais o Brasil tem capacidade competitiva, apresentam várias características em comum: alta intensidade em recursos naturais, capacidade produtiva tecnologicamente atualizada, escalas satisfatórias, bem como

² Gonçalves da Silva, A. L. e Laplane, M. F., 1994, p. 87.

³ Bielschowsky R. e Stumpo, G., 1994, p. 2.

⁴ Gonçalves da Silva, A. L. e Laplane, M. F., 1994, p. 88.

alta capacitação gerencial⁵. Entretanto, são setores cuja produção, em geral, é de valor agregado relativamente baixo. Nos setores onde o valor agregado é maior, tais como aqueles do grupo 1, o Brasil apresenta deficiências competitivas com grande heterogeneidade intra e inter-setorial. São os setores que, via de regra, passaram pela reestruturação de caráter defensivo. Existem, dentro de um mesmo setor, empresas líderes e competitivas e simultaneamente empresas pouco competitivas e tecnologicamente defasadas. Deve-se ressaltar que prevalecem majoritariamente estas últimas⁶.

Tabela 3
Composição das exportações e importações (%)
Brasil

	1980	1992
Composição das Export.		
Grupo 1	26.1	31.7
Grupo 2	14.7	33.0
Grupo 3	44.1	19.2
Grupo 4	15.1	16.1
Total	100.0	100.0
Composição das Import.		
Grupo 1	47.8	50.5
Grupo 2	42.8	29.5
Grupo 3	4.8	8.7
Grupo 4	4.7	11.3
Total	100.0	100.0

Grupo 1 - bens de capital mecânicos, eletroeletrônicos e instrumentos científicos, material de transporte, química fina, borracha, tabaco e vidro;

Grupo 2 - siderurgia, metalurgia básica de não ferrosos, química básica e petroquímica, papel e celulose e combustíveis;

Grupo 3 - alimentos e bebidas e

Grupo 4 - têxteis, calçados e vestuário, madeira e móveis, minerais não-metálicos (exceto vidro), produtos metálicos e outros produtos manufaturados.

Fonte: Bielschowsky, R., Stumpo G. *Empresas transnacionales manufactureras en cuatro estilos de reestructuración en America Latina: los casos de Argentina, Brasil, Chile y Mexico después de la sustitución de importaciones*. Santiago de Chile, CEPAL, p. 14, out. 94. mimeo. (Revista de la Cepal, Santiago de Chile, no prelo), *Apud* Otaviano, 1994, pág. 58. Organização própria.

⁵ *Idem*, p. 90.

⁶ *Idem*, p. 92.

Dessa maneira, o quadro de importações e exportações do Brasil revela essa deficiência competitiva dos setores geradores e difusores do progresso técnico, enquanto o setor produtor de *commodities* é bastante competitivo, ou seja, a especificidade da reestruturação setorial implicou para cada setor determinada característica quanto ao grau de competitividade e de modernização. Em geral, os setores mais voltados ao mercado externo se modernizaram efetivamente, enquanto os setores ligados ao mercado interno permaneceram em desvantagem competitiva e empreenderam poucas estratégias agressivas de modernização e novos investimentos, devido, ao menos em parte, à grande instabilidade macroeconômica da década de 80 e 90 e também à crescente pauperização do mercado interno de massa⁷.

Esse quadro se agrava se levarmos em conta que são justamente esses os setores (Grupo 1 da Tabela 3) geradores e difusores do progresso técnico e com maior elasticidade preço e renda da demanda.

No contexto da América Latina, no entanto, o Brasil é o país onde os setores do grupo 1 mais se destacam, pois os abalos provenientes da reestruturação da economia internacional se fizeram sentir menos na estrutura produtiva brasileira. Isso se deveu, em comparação aos demais países latino-americanos, às maiores escalas de produção, ao estágio mais avançado do desenvolvimento técnico e às políticas cambial e comercial mais defensivas no Brasil⁸. Houve, dessa maneira, uma mudança no perfil industrial da América Latina, ou seja, ocorreu, ao contrário da tendência histórica prevalecente, um afastamento do perfil industrial latino-americano do perfil dos países desenvolvidos.

Os grupos 2 e 3 (Tab. 3), nessa região, começaram a ganhar importância central enquanto geradores de renda e divisas. No Brasil,

⁷ *Idem*, p. 86-93.

⁸ Canuto, O., 1994, p. 58.

particularmente, os setores do grupo 2 ganharam grande relevância. No caso argentino foram os setores do Grupo 3 que mais cresceram.⁹

Quanto ao grupo 4, tratam-se de setores “tradicionais”. Vêm perdendo importância relativa nas principais economias da região e apresentam um elevado grau de heterogeneidade, isto é, convivem no mesmo setor “técnicas com intensidade de capital e exigências de aprendizado cumulativo muito díspares”¹⁰.

A análise em um nível muito agregado das exportações e importações não nos permite constatar que a inserção da economia brasileira junto aos seus diferentes parceiros econômicos não é homogênea, ou seja, ao se observar os dados desagregados por origem e destino das exportações e importações brasileiras, nota-se uma diferença na relação entre o Brasil e o Mercosul e entre o Brasil e os países desenvolvidos.

A diferença pode ser medida pela existência de déficits ou superávits no comércio externo de diversos bens, isto é, quando existe um superávit do país no comércio de determinado tipo de bem, podemos dizer que este país é um exportador líquido deste bem. Entretanto, se existe déficit, o país pode ser considerado um importador líquido do bem. O fato de ser importador ou exportador líquido determina o tipo de inserção de um país no comércio internacional.

A diferença de inserção à qual aludimos refere-se ao fato de que com a Argentina¹¹ o Brasil é um exportador líquido de bens manufaturados em geral e importador líquido de bens como bebidas e alimentos, enquanto que com os países desenvolvidos há exportação líquida de bens manufaturados básicos (*commodities*) e importação líquida de bens industrializados, cuja produção requer níveis elevados de tecnologia e capital humano. Em outras palavras, com os países desenvolvidos a inserção é baseada numa troca pouco vantajosa, uma vez que o Brasil exporta bens

⁹ *Idem*, p. 59.

¹⁰ *Idem*, p. 57.

¹¹ Utilizaremos somente a Argentina como referência, uma vez que com este país o Brasil realiza a quase totalidade do comércio no âmbito do Mercosul.

de baixa elasticidade renda e preço da demanda e importa bens de alta elasticidade. Em relação à Argentina, a inserção é mais favorável ao Brasil, pois a situação é inversa, isto é, o saldo comercial é positivo no intercâmbio de bens de alta elasticidade e negativo para aqueles bens cuja elasticidade renda preço é menor. Desse ponto de vista, a situação da inserção brasileira junto ao Mercosul é oposta àquela junto aos países desenvolvidos. De um modo geral, pode-se considerar a situação do Brasil no comércio internacional como pouco favorável, pois, apesar da inserção positiva ao Mercosul, a inserção ao mundo desenvolvido representa a grande maioria das transações externas, as quais são marcadas pelas desvantagens já mencionadas.

As inserções desiguais podem ser constatadas por meio da observação dos saldos do comércio de mercadorias em 1992 no Brasil em relação aos diferentes parceiros e natureza dos bens transacionados na tabela 4, 7 (anexo) e 8 (anexo). Em relação ao comércio com a Argentina, ver também as tabelas 12 e 13 do anexo.

Tabela 4
Saldo do comércio de mercadorias em 1992
Brasil
em milhões de US\$

	Total	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Mundo	13083	5132	7808	-155	-63	-469	-301	-1395	97	1821
Países Des.	7327	4472	3519	-3417	-508	-498	-325	-1747	-3	83
País. em Des.	5415	398	4278	3318	450	30	24	360	100	1752
Mercosul	1780	-600.7	805	1409	142.8	10.9	8.2	214	76	819
Argentina	1262	-567.1	599	1053	99	9	7	153	47	647

1 - Bebidas e Alimentos

2 - Bens Manufaturados Básicos

3 - Máquinas e equipamentos de Transportes

4 - Máquinas industriais gerais

5 - Máquinas de escritório

6 - Equipamentos de Informática e Processamento

7 - Máquinas elétricas em geral

8 - Eletrodomésticos

9 - Veículos

Fonte: UN Trade Commodity Trade Statistics, 1993, *Apud* Sabbatini, R. C., 1995, pág. XIX - anexo estatístico. Versão Simplificada.

Tendo-se em vista esta diferença de inserção, propusemo-nos a tentar compreendê-la. Para tanto, existem elementos sugeridos por diversos autores que permitem uma explicitação das causas que levam à diferença acima aludida.

Dentre as possíveis causas estão aquelas ligadas às economias de escala e aquelas relacionadas à presença das empresas transnacionais.

1.1) As economias de escala industriais de Brasil e Argentina

As atividades industriais, para que sejam viabilizadas, necessitam de escalas de produção consideráveis, embora diferenciadas setorialmente. Escalas maiores permitem custos unitários menores e maior competitividade de bens produzidos pela indústria. Em suma, a escala pode proporcionar ganhos de produtividade e de competitividade

Nos modelos de substituição de importações observou-se que um dos óbices a uma maior produtividade era justamente a questão dos “estrangulamentos” e das economias de escala.

Considerando-se que, nos modelos de substituição de importações, a necessária instalação simultânea de blocos de investimentos multisetoriais requeriam um volume de capital frequentemente elevado, era comum que alguns setores não fossem internalizados. Com isso, em momentos de picos de importação aparecia o problema do escasseamento de divisas, causando os mencionados “estrangulamentos”.

O outro problema - das economias de escala - diz respeito às próprias escalas mínimas de produção. Originalmente projetadas para atender aos requisitos

de escala das economias mais avançadas, as plantas produtivas, muitas vezes, apresentavam ociosidades elevadas, dado o tamanho diminuto do mercado interno¹².

A maioria dos segmentos industriais hoje em atividade na Argentina e no Brasil foram planejados e instalados justamente no período substitutivo. Os projetos desse período¹³ visavam atender fundamentalmente o mercado interno e buscavam atingir um elevado grau de nacionalização, em detrimento da especialização com complementação externa.

Os setores industriais, no entanto, vêm modificando a sua forma de atuação. A modificação é mais intensa onde predominam as empresas transnacionais. Estas adequam as suas estratégias nacionais às políticas de “globalização” produtiva dos grupos empresariais dos quais fazem parte. Essa nova postura implica uma queda expressiva dos índices de nacionalização acompanhada de uma especialização da produção com a devida complementação externa. Ou seja, há uma mudança da estratégia de *stand-alone* para aquela de *redes mundiais*.

Embora haja essa mudança, as plantas produtivas, que foram originalmente planejadas para atender ao mercado interno, são, por isso, maiores no Brasil do que na Argentina¹⁴, propiciando, então, uma vantagem de escala superior ao Brasil.

Se levarmos em conta o acesso privilegiado dos produtos brasileiros à Argentina, a maior competitividade da indústria brasileira nos setores geradores de maior valor agregado faz com que o Brasil seja um exportador líquido desse tipo de produto para a Argentina, o que se evidencia pelo superávit brasileiro obtido nas contas externas para esses setores (ver Tab. 4). Entendemos como acesso privilegiado as menores tarifas alfandegárias para os produtos brasileiros no mercado argentino, além dos menores custos de transporte devidos à proximidade geográfica entre os dois países.

¹² Tavares, M. C., 1972, p. 42-44 e 48-50.

¹³ Kosacoff, B., 1994, p. 73.

¹⁴ BNDES, 1993, p. 24 e Kosacoff, B., 1994, p. 65-66

A vantagem brasileira nestes setores pode também ser explicada pela diferente reestruturação industrial pela qual passou o Brasil em relação à Argentina. Enquanto que neste último país, a partir de meados da década de 70 e na década de 80, houve uma “dessofisticação” do parque manufatureiro, no Brasil verificou-se uma manutenção da composição do parque produtivo, permitindo hoje com que os setores geradores de maior valor agregado apresentem, em geral, uma maior participação relativa no Brasil do que na Argentina¹⁵.

Entende-se como “dessofisticação” do parque produtivo argentino a reorientação dada ao sistema manufatureiro após o término da industrialização substitutiva. A reorientação teve como base “a debilitação dos núcleos dinâmicos do ‘modelo substitutivo’ e o fortalecimento dos ramos intensivos em recursos naturais”¹⁶. Os núcleos dinâmicos seriam basicamente os setores metalmeccânico e químico.

Estima-se que no período 75/90, a atividade industrial na Argentina tenha se reduzido em torno de 25% “em um processo de terceirização com baixa produtividade”, fazendo com que a participação da indústria no PIB passasse de 28,3% para 20,7%. Apesar de alguns localizados sucessos setoriais no crescimento da produtividade, o resultado geral foi de estagnação¹⁷.

Diante do esgotamento desses padrões industriais baseados na substituição de importações, houve também uma mudança na padrão de comércio desses países, fortalecendo-se a idéia de liberalização do mercado.

Segundo as novas teorias do comércio¹⁸, as economias de escala seriam o elemento que possibilitaria uma maior liberalização do comércio na medida em que permite a especialização da produção de um país em determinados segmentos da

¹⁵ Bielschowsky R. e Stumpo, G., 1994, p. 1-6.

¹⁶ Bielschowsky R. e Stumpo, G., 1994, p. 25 e Canuto, O., 1994, p. 58.

¹⁷ Kosacoff, B., 1994, p. 70.

¹⁸ Utilizamos como referência o trabalho de Dornbusch, R., 1989 e o de Krugman, P. e Obstfeld, M., 1988.

indústria, permitindo uma relação de complementariedade com outros países, os quais também se especializariam em certos segmentos industriais.

As teorias convencionais do comércio argumentam que melhor seria para um determinado país operar em regime de livre-comércio. Por meio do aproveitamento de suas vantagens comparativas, um país deveria justamente se especializar na produção de bens onde predominassem essas vantagens. Dessa forma, o nível de bem-estar social seria maior, já que essa especialização produtiva implicaria que a curva de restrição monetária atingisse uma curva de indiferença superior.

Essas teorias, contudo, não levam em consideração, por exemplo, que diferentes bens possuem diferentes elasticidades renda e preço da demanda e que isso acaba por determinar o tipo de inserção do país no comércio internacional. Ou seja, se um país produz bens de alta elasticidade renda e preço da demanda, este desfrutará de vantagens que o país produtor de bens com baixa elasticidade não usufrui. Então, não é apenas uma questão de “opção” produzir bananas ou automóveis. Outros elementos além da “dotação de fatores” determinam como se orientará a inserção internacional de um país.

Para tentar sanar essa insuficiência das teorias convencionais é que surgiram as chamadas novas teorias do comércio. Estas procuram introduzir o conceito das economias de escala e trabalham com suposições mais próximas da realidade. A evidência de que a maioria do comércio entre os países desenvolvidos tem um caráter intra-industrial, ou seja, que a exportação e importação ocorre dentro de um mesmo segmento industrial, enfraquece o preceito convencional de que o comércio internacional deva ocorrer de forma a satisfazer uma complementação inter-setorial.

O conceito de economias de escala associado à realidade do comércio intra-industrial vem possibilitar, segundo as novas teorias, que um país empreenda uma liberalização comercial com especialização, porém sem que essa especialização

implique necessariamente uma orientação estrita da produção para aqueles bens cuja elasticidade renda e preço da demanda seja elevada, o que necessariamente ocorreria para o “país pequeno” com baixa dotação do fator capital, no caso das teorias convencionais¹⁹.

As uniões aduaneiras (Mercosul, União Européia, Nafta, etc.) seriam, então, a concretização desse objetivo de liberalização e especialização, viabilizado pelas economias de escala. Ou seja, os processos de regionalização e globalização “tendem a se reforçar mutuamente”²⁰. Isso ocorre porque os países tendem a se organizar em blocos regionais a fim de melhorarem sua inserção internacional, ao mesmo tempo em que se observa uma crescente complexidade e expansão das empresas transnacionais, as quais buscam sempre novos e maiores mercados para viabilizarem suas escalas de produção.

A especialização regional vai depender dos atributos, em termos dos determinantes da competitividade, que a região oferece. Esses atributos podem ser a oferta de fatores de produção ou elementos associados às economias externas (infra-estrutura, qualificação da mão-de-obra, etc.)²¹. Dessa forma, devido à nova realidade de globalização e regionalização, passam a ganhar importância, além das economias de escala, elementos como diferenciação de produtos e tecnologia, “ênfatizando-se os efeitos dinâmicos da integração econômica. Trata-se de construir vantagens comparativas para aumentar a competitividade e melhorar a inserção internacional”²².

Se com a Argentina as vantagens brasileiras das economias de escala são consideráveis, o mesmo não ocorre quando estas são comparadas com as escalas de produção dos países desenvolvidos, isto é, as economias desenvolvidas possuem vantagens de escala superiores às brasileiras, o que seria um fator explicativo das

¹⁹ Ver Dornbusch, R., 1989.

²⁰ Presser, M. F., 1995, p. 86.

²¹ *Idem*, p. 89.

²² *Idem*, p. 92.

vantagens daqueles países em termos de competitividade internacional, quando comparados com o Brasil. Essa desvantagem se evidencia, por exemplo, no saldo deficitário do Brasil no comércio dos bens industrializados mais sofisticados (ver Tab. 4).

O processo de integração no Cone Sul, que ocasionou reduções tarifárias entre os Estados-membros, vem permitindo um substancial aumento do comércio do Brasil com a Argentina. Para o Brasil, a corrente de comércio (exportação + importação) subiu de US\$ 3,6 bilhões em 1990 para US\$ 10,5 bilhões em 1994²³.

O comércio, porém, não apresenta um caráter homogêneo. Ele é diferenciado de acordo com a especificidade da produção dos setores, isto é, para alguns setores prevalece o comércio inter-industrial e para outros o intra-industrial.

O comércio inter-industrial é definido como a exportação e importação de bens de segmentos produtivos distintos. Trata-se de um tipo de comércio convencional.

Por outro lado, o comércio intra-industrial é aquele comércio onde ocorre a exportação e importação simultâneas de produtos de um mesmo segmento industrial. Este tipo de comércio seria um índice de maturidade da inserção comercial de um país, ou seja, quanto maior for a sua intensidade, mais avançado é o padrão de comércio do país. Estima-se que, até meados da década de 80, o comércio intra-industrial respondia por cerca de 50% a 60% do comércio total entre os países da União Européia²⁴. Segundo ainda alguns autores, é importante considerar o comércio intra-industrial na medida em que ele seria uma maneira de medir a globalização produtiva de um país. “Não é fácil medir globalização produtiva de um país. O melhor indicador geral é o de comércio *intra-industrial* (...)”²⁵.

²³ *Idem*, p. 93.

²⁴ Lucángeli, J., 1995, p. 13.

²⁵ Bielschowsky, R. e Stumpo, G., 1996, p.171.

Para medir quantitativamente a proporção deste tipo comércio em relação ao valor total do comércio de um bem ou de um setor, normalmente se emprega o chamado Índice de Grubel-Lloyd: $B_j = \{ 1 - [| X_j - M_j | / (X_j + M_j)] \} \times 100$, onde j é o setor ou produto do qual se deseja saber os níveis de comércio intra-industrial e X e M são exportação e importação, respectivamente. Quanto maior B_j , maior será o nível de comércio intra-industrial para o setor ou produto em questão.

As condições essenciais para que ocorra o comércio intra-industrial são a possibilidade de diferenciação de produtos e a existência de economias de escala²⁶.

As principais conclusões acerca do comércio intra-industrial podem ser resumidas por: "a) o comércio intra-indústria apresenta uma relação positiva com o tamanho do mercado interno, com o nível de desenvolvimento econômico do país, com a semelhança dos padrões de demanda e com similaridade da dotação de fatores de produção entre os países; b) quanto maior a renda nacional, maiores as probabilidades de economias de escala e diferenciação de produto. O menor nível de renda nacional refletiria um padrão de produção simples e padronizado, com baixo grau de diferenciação de produtos; c) quanto mais semelhantes forem as economias, maior a probabilidade dos conjuntos de bens potenciais de exportação serem semelhantes; e d) o crescimento do comércio intra-indústria tende a ocasionar uma distribuição menos irregular dos ganhos decorrentes do incremento comercial. Ou seja, provoca o crescimento equilibrado do comércio entre dois países"²⁷.

Entretanto, o comércio de caráter intra-industrial encontra-se irregularmente disseminado entre os setores produtivos no caso do comércio Brasil-Argentina, sendo forte e considerável nos setores de produtos químicos e de máquinas e materiais de transporte. Porém em setores como os de produtos alimentícios ou de materiais crus não comestíveis este tipo de comércio, apesar de estável, é pouco relevante em relação ao volume total de transações realizadas.

²⁶ BNDES, 1993, p. 18.

²⁷ *Idem*, p. 18-19.

Existe ainda um terceiro conjunto de setores identificados pela produção de matérias-primas, manufaturados diversos, etc, cujo comércio intra-industrial é instável. Geralmente são setores muito suscetível à instabilidade macroeconômica²⁸.

Um fator que certamente dificulta o crescimento intra-industrial no âmbito do comércio Brasil-Argentina são as relativas diferenças que apresentam as economias envolvidas no que se refere à diversificação do parque produtivo. O parque brasileiro apresenta uma diversificação maior, o que acaba por se refletir num menor grau de concentração da pauta exportadora brasileira para a Argentina, quando comparada à pauta exportadora argentina para o Brasil²⁹.

Pode-se constatar que “a concentração das vendas argentinas em bens agropecuários e manufaturas de origem agropecuária revela que as relações deste país com o Brasil preservam forte semelhança com o papel desempenhado pela Argentina no contexto da divisão internacional do trabalho. A crescente importância das vendas de bens de capital e produtos da indústria automobilística mostra o relativo sucesso dos acordos de integração econômica nestes setores e a gradual formação de uma estrutura de complementação produtiva entre as empresas multinacionais que possuem plantas industriais nos dois países”³⁰.

Apesar dessa conclusão, os mesmos autores do trecho acima afirmam que o comércio bilateral se concentra em trocas de natureza interindustrial, pouco antes, no mesmo texto³¹.

1.2) As Empresas Transnacionais

A presença de empresas transnacionais também condiciona a inserção internacional dos dois países. Tanto no Brasil como na Argentina as empresas

²⁸ Lucángeli, J., 1995, p. 13. Acerca desta irregularidade do comércio intra-industrial entre Brasil e Argentina, ver também Araújo Jr., José Tavares, 1993.

²⁹ BNDES, 1993, p.11.

³⁰ *Idem*, p. 10.

³¹ *Idem*, p. 1.

transnacionais têm atuado majoritariamente nos setores geradores e/ou difusores do progresso técnico, os quais são oligopolizados, apresentando grande diferenciação de produtos e intensidade tecnológica. Ademais as empresas transnacionais são as que apresentam maior grau de globalização produtiva.³²

Espera-se, então, que o país que detenha um maior estoque de capitais internacionalizados apresente, ao menos potencialmente, uma maior competitividade nos setores onde ocorre a geração e difusão do progresso técnico. No caso da comparação entre Brasil e Argentina, esta suposição se fortalece na medida em que na década de 80 houve uma considerável saída de empresas transnacionais da economia argentina³³, enquanto que no Brasil elas continuaram tomando decisões de produção, em que pese os novos investimentos terem sido bastante escassos. A permanência pode revelar também a relativa importância do mercado interno brasileiro para essas firmas, onde, certamente, elas encontraram escalas de produção satisfatórias. Outro fator que relevante é o custo que a estrutura já instalada representa para as empresas (*sunk-costs*).

Da mesma forma que na questão das economias de escala, o estoque de capitais internacionalizados no Brasil é insignificante ao estoque existente nos países desenvolvidos para aqueles setores considerados mais modernos. Isso também explicaria a menor competitividade do Brasil e, conseqüentemente, a existência de déficits comerciais nesses setores.

Nos países desenvolvidos, a participação relativa no PIB dos setores geradores e difusores do progresso técnico é consideravelmente maior do que a participação desses setores nas economias argentina e brasileira, como se vê na Tabela 5.

³² Bielschowsky R. e Stampo G., 1994, p. 8.

³³ *Idem*, p. 26.

Tabela 5
Nível e Composição do Valor Agregado (%)
Ano Base 1992

	Brasil	Argentina	OCDE
Metalmec. e Eletroel.	17.3	7.7	25.3
Equip. de Transporte	8.3	12.5	11.5
Outros	11.1	9.6	9.7
Total	36.6	29.8	46.5

Fonte: Bielschowsky, R. e Stumpo G., 1994, p. 14. Versão Simplificada.

O princípio de que a presença e ação das empresas transnacionais é fundamental para uma inserção favorável no comércio internacional baseia-se na idéia de que estas empresas são detentoras dos chamados “ativos oligopolísticos”³⁴, ou seja, detêm ativos que lhes confere o caráter de oligopólios. Como exemplos de ativos oligopolísticos podemos citar “tecnologia, capacidade gerencial e financeira, marcas, economias de escala, etc”³⁵.

Estes ativos são determinantes das vantagens no comércio internacional, uma vez que possibilitam diferenciação de produtos e a redução de custos.

Segundo Linder³⁶, o potencial exportador depende das características da demanda interna, a qual vai determinar o maior ou menor dinamismo dos empresários do país no sentido de introduzir inovações tecnológicas na produção.

Há, então, uma relação entre tamanho do mercado de uma certa firma e inovação tecnológica.

Se o mercado brasileiro tem um tamanho maior do que o mercado argentino, seria de se esperar que as empresas transnacionais optassem por instalar, preferencialmente, suas plantas produtivas no Brasil, em detrimento da Argentina, quando estivessem decidindo sobre suas políticas de “globalização” produtiva para o

³⁴ Meirelles, J. G. P., 1989, p. 68.

³⁵ *Idem, Ibidem*

³⁶ *Apud* Meirelles, J. G. P., 1989, p. 58-61.

Cone Sul, diante de um mesmo nível de incentivos tarifários e fiscais nos dois países.

De fato, o que se constata é que “consideradas as maiores economias latino-americanas, a mexicana é a única em que a participação do capital estrangeiro nas exportações é maior do que a que se verifica no Brasil”³⁷.

Dessa maneira, nos setores onde é mais intensa a participação do capital estrangeiro, o Brasil apresenta saldos comerciais superavitários em relação à Argentina, enquanto que nos setores tradicionais, a vantagem é argentina, dadas as vantagens comparativas tradicionais desta última.

O capital internacional estrangeiro está distribuído por praticamente todos os setores de atividade. O que diferencia sua presença de um setor para outro é o fato dela ser protagonista, coadjuvante ou marginal³⁸.

Os setores onde o capital estrangeiro é protagonista são os de bens de capital mecânicos, de eletroeletrônica e instrumentos científicos, de material de transporte, de química fina, borracha, tabaco e vidro. As vendas das empresas transnacionais correspondem, em geral, a mais de 50% das vendas totais desses setores.

A presença dos capitais estrangeiros é coadjuvante nos setores de alimentos e bebidas, de celulose e papel, de química básica e petroquímica (exceto combustíveis) e de siderurgia e metalurgia básica. O conceito de coadjuvante se refere ao fato das empresas terem participação importante no mercado, porém não predominante. Além disso, estão normalmente associadas a empresas de capital nacional.

Os setores onde a participação das empresas transnacionais é marginal são os de têxtil, confecções, couro e calçados, de madeira e móveis, de impressão, de minerais não metálicos (exceto vidro), de produtos metálicos e de outras

³⁷ Bielschowsky, R. e Stumpo, G., 1996, p.174.

³⁸ Estamos utilizando a metodologia empregada por Bielschowsky, R. e Stumpo, G., 1994.

manufaturas. Estes setores se destacam pela sua grande heterogeneidade em termos de tamanho e capacidade tecnológica, “destacando-se a convivência de algumas empresas líderes (a maioria de capital nacional) com numerosas empresas de porte mediano e pequeno”³⁹.

Nota-se que, de um modo geral, os setores onde o capital internacional é protagonista coincidem com os setores do grupo 1 da Tabela 3. Observa-se ainda que, por meio da Tabela 4, o Brasil apresenta vantagens no comércio bilateral com a Argentina nos setores onde o capital estrangeiro é protagonista.

A linha de análise “evolucionista”⁴⁰ apresenta, em nível teórico, o conhecimento tecnológico como fator determinante da competitividade internacional. O desenvolvimento tecnológico ocorre em conjunto com a produção e o investimento, apresentando ainda um caráter cumulativo. Esta cumulatividade se dá ao nível da empresa. Então, as empresas transnacionais - detentoras do conhecimento tecnológico - formam um canal importante de internalização da tecnologia. Com isso, o comportamento destas empresas acabam por condicionar a inserção internacional de um país.

Essa linha de análise considera que tanto as convencionais como as novas teorias do comércio fazem parte do arcabouço ortodoxo das teorias do comércio. Segundo os evolucionistas, as novas teorias representam efetivamente uma evolução das teorias tradicionais pois incorporam as questões das economias de escala e do comércio intra-industrial, o que as aproxima mais da realidade.

Embora haja este progresso, as novas teorias ainda apresentam uma séria deficiência. Segundo os evolucionistas, na ortodoxia persiste a precariedade da análise no que tange à questão do conhecimento tecnológico e as assimetrias por ele gerados no âmbito do comércio internacional. Ou seja, os diferentes graus de eficiência e competitividade que podem se gerar em virtude dos também diferentes

³⁹ Bielschowsky, R. e Stumpo G., 1994, p. 9.

⁴⁰ Utilizamos como referência os seguintes trabalhos: Dosi G., Pavitt K. & Soete L., 1990 e Dosi, G., 1991.

graus que existem no que se refere à criação e ao uso do conhecimento tecnológico entre as empresas e entre os países.

O conhecimento tecnológico na ortodoxia é considerado como “dado” e, portanto, exógeno ao processo produtivo em si. Os evolucionistas, porém, partem do princípio de que o conhecimento tecnológico não é exógeno e se encontra determinado pelos esquemas de alocação de recursos e de produção. Este passa a ser considerado um ativo próprio da empresa e que, além das escalas de produção, acaba por influenciar a competitividade desta empresa. Em nível macroeconômico influencia, no limite, a posição competitiva de um país.

Isso explicaria a inserção favorável do Brasil em relação à Argentina e explicaria ainda porque, nos setores mais intensivos em tecnologia, o Brasil não apresenta vantagens em relação aos países desenvolvidos. Deve-se levar em conta que estes países detêm um estoque de capitais internacionalizados infinitamente superior ao brasileiro e que desde a última década o volume de investimento direto estrangeiro no Brasil tem sido reduzido, sobretudo se comparado ao período anterior de substituição de importações. Os aumentos de produtividade têm se dado, como se viu, mais em virtude de racionalização dos processos produtivos do que por investimentos novos⁴¹.

⁴¹ Bielschowsky, R. e Stumpo G., 1994, p. 35-36.

CAPÍTULO 2 A INSERÇÃO COMERCIAL BRASILEIRA

2.1) Análise da Inserção Comercial Brasileira

A parte que segue refere-se a um estudo mais detalhado acerca da inserção comercial brasileira no Mercosul e nos países desenvolvidos e na economia mundial.

Para isso, lançamos mão de três índices que procuram detectar as principais características acerca de como um país se insere no mercado mundial.

2.1.1) Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR)

$$VCR_{ik} = (X_{ik}/X_i)/(X_k/X),$$

onde:

X_{ik} = exportações do produto k pelo país i;

X_k = exportações mundiais do produto k;

X_i = exportações totais do país i;

X = exportações mundiais totais.

Este índice mostra quais os produtos ou setores (dependendo do nível de agregação) apresentam vantagens comparativas para o país, ou seja, mede *a posteriori* as diferenças relativas de custos dos países a partir de suas especializações comerciais.

Se um país apresenta um VCR maior do que 1 em um determinado produto significa que deterá uma parcela do mercado mundial de exportação deste produto maior do que sua participação no mercado mundial em relação aos outros produtos. Ou ainda, representa que a participação de certo produto (ou setor) no mercado internacional é superior à participação relativa do país para todos os demais produtos. Neste caso, o desempenho do país num mercado específico seria superior ao seu desempenho global.

A hipótese básica deste índice esta relacionada à dotação de fatores, ou seja, observa-se a vantagem comparativa para um setor ou produto quando o país

apresenta abundância do(s) fator(es) de produção intensivo(s) para este produto ou setor.

2.1.2) Índice de Contribuição ao Saldo (CS)

$$CS = S_1 - S_2$$

$$S_1 = 100x[(X_k - M_k)/(X_i + M_i)/2]$$

$$S_2 = 100x\{[(X_i - M_i)/(X_i + M_i)/2]x[(X_k + M_k)/(X_i + M_i)]\}$$

Onde:

X_k e M_k são as importações e exportações do produto k efetuada pelo país i;

X_i e M_i são as importações e exportações totais do país i.

Trata-se de uma sofisticação do índice de VCR, na medida em que o CS incorpora a importação, envolvendo, então, o conceito de saldo comercial e não somente de exportações.

Neste índice está implícita, assim como na de VCR, a idéia da dotação de fatores enquanto determinante da inserção comercial do país.

Se $CS > 0$, existiriam vantagens comparativas e se $CS < 0$, não existiria tais vantagens.

2.1.3) Índice de Comércio Intra-Industrial (ICII)

É medido por meio de:

$$ICII = 100x\{ 1 - [(|X_k - M_k|)/(X_k + M_k)]\} (\%)$$

Onde:

X_k e M_k são exportações e importações do produto k.

Como já se mostrou anteriormente no capítulo 1, trata-se de um índice que mede o grau de intercâmbio de bens provenientes de segmentos industriais semelhantes. Este índice pode ser mais representativo ou não, dependendo do nível de agregação com o qual se trabalha.

O valor percentual encontrado representa a fração do comércio do produto ou setor que apresenta um caráter intra-industrial.

Para alguns autores⁴², quanto maior for o ICII maior o nível de globalização de um país, pois o comércio do tipo intra-industrial seria um padrão mais avançado de inserção comercial, por isso representa a maior parte dos fluxos comerciais entre os países desenvolvidos

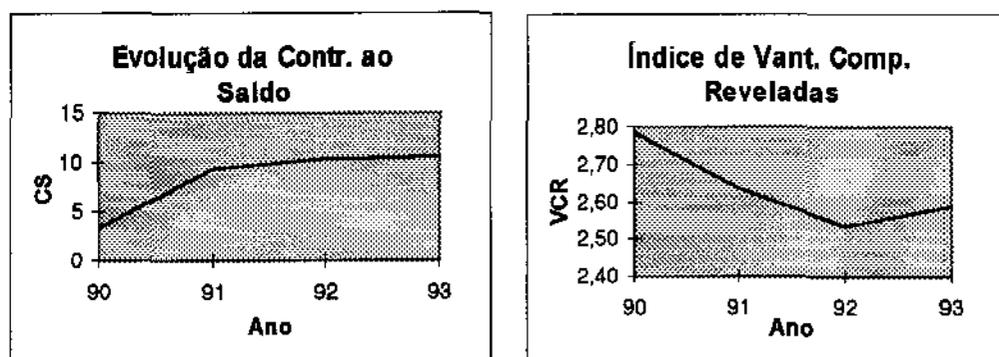
2.2) A Inserção Comercial do Brasil com o Resto do Mundo

2.2.1) A Questão das Vantagens Comparativas

Começamos a análise por identificar onde o Brasil apresenta, no comércio mundial, vantagens comparativas. Teremos como base os índices de contribuição ao saldo e de vantagens comparativas reveladas calculados e disponíveis na Tabelas 14 e 15 do anexo estatístico .

Dentre os produtos primários, a classificação 0 (Alimentos e Animais Vivos) da SITC apresenta uma estabilidade no período. A partir de 91, observou-se o crescimento da contribuição ao saldo desses bens, enquanto permaneceu praticamente constante o índice de VCR para todo o período 90-93. Tanto para CS como para VCR há a constatação de que a intensidade de fatores de produção no Brasil favorece a inserção observada.

Os gráficos abaixo mostram a evolução de CS e VCR no período 90-93.

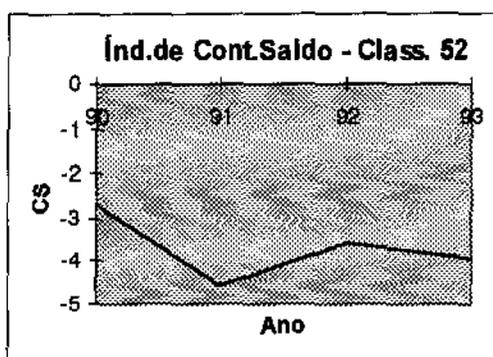


⁴² Ver, por exemplo, Bielchowsky e Stumpo, 1996.

No que se refere à classificação 1 (Bebidas e Tabaco), tanto o índice de contribuição ao saldo como o de vantagens comparativas reveladas mostram que o Brasil apresenta vantagens no comércio deste tipo de produto.

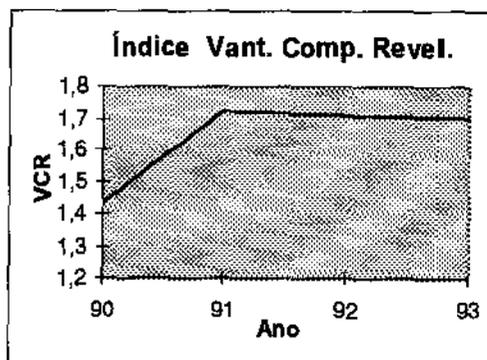
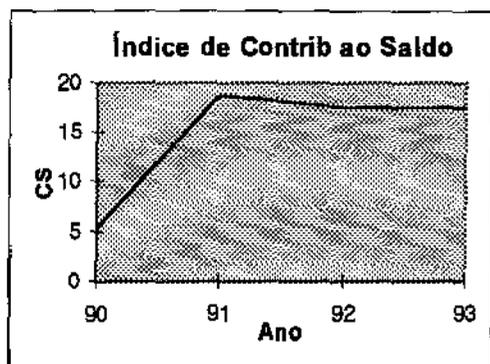
A única classificação de produtos primários onde o Brasil apresenta deficiências competitivas fortes é aquela referente aos combustíveis minerais, dada a escassez deste fator no Brasil, sobretudo do item 33 (Petróleo e Derivados).

Em relação ao setor químico, o Brasil apresenta uma inserção internacional contrária àquela dos setores de bens primários, ou seja, os saldos são deficitários, ressaltando-se a classificação 541 (Produtos Medicinais e Farmacêuticos).



O setor onde o Brasil vem se destacando positivamente no comércio aquele cuja classificação é 6 (Manufaturas Básicas). Evidencia-se a importância dos recursos naturais do país na determinação dos saldos brasileiros. O crescimento de CS e VCR mostra-se sólido e contínuo. O desenvolvimento deste setor está ligado às políticas de incentivos recebidas por estes setores na década de 80, o que acabou por moldar a sua inserção internacional.

Os gráficos abaixo explicitam a evolução dos índices para o setor 6 (Manufaturas Básicas).



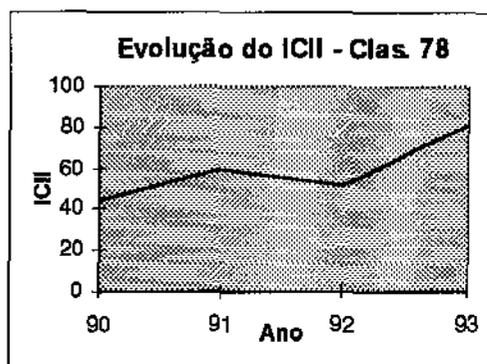
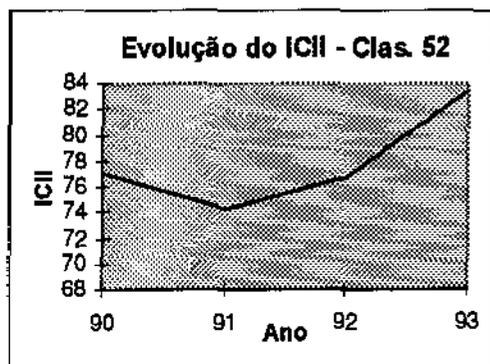
Quanto às classificações 7 e 8, os índices indicam que o Brasil não apresenta vantagens comparativas em relação ao resto do mundo.

2.2.2) O Comércio Intra-Industrial

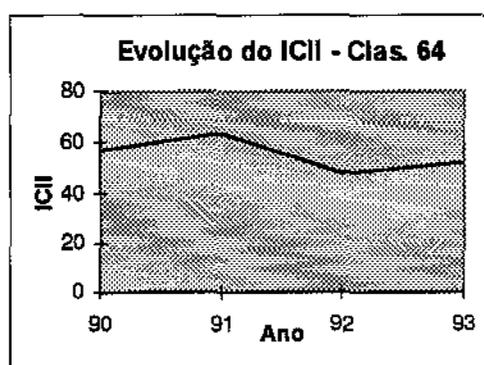
Tem-se observado, na década de 90, um crescimento da modalidade de comércio intra-industrial do Brasil com o resto do mundo. Baseamos a análise na Tabela 16 do anexo.

Existem setores onde a já forte articulação intra-industrial tem se intensificado. Citam-se as classificações 03 (Peixes e Preparados), 05 (Legumes e Frutas), 27(Fertilizantes Minerais Brutos), 52(Produtos Químicos Inorgânicos), 53 (Produtos para Coloração e Curtimento), 58 (Materiais Plásticos), 59 (Materiais de Produtos Químicos), 65 (Fios Têxteis), 72 (Máquinas Especiais para a Indústria), 74 (Máquinas Industriais em Geral) , 77(Maquinaria Elétrica) , 78 (Veículos Automotores) , 79 (Outros Equipamentos de Transporte) e 88 (Equipamentos Fotográficos e Óticos). Há a constatação de que, no Brasil, a presença dos setores Químico (5) e Máquinas e Equipamentos de Transporte (7) tem expressiva articulação intra-industrial. Isso aproxima o padrão de comércio desses setores ao padrão dos países desenvolvidos.

Dois exemplos da evolução dos coeficientes são mostrados nos gráficos abaixo. Seleccionamos 52 (Produtos Químicos Inorgânicos) e 78 (Veículos Automotores).

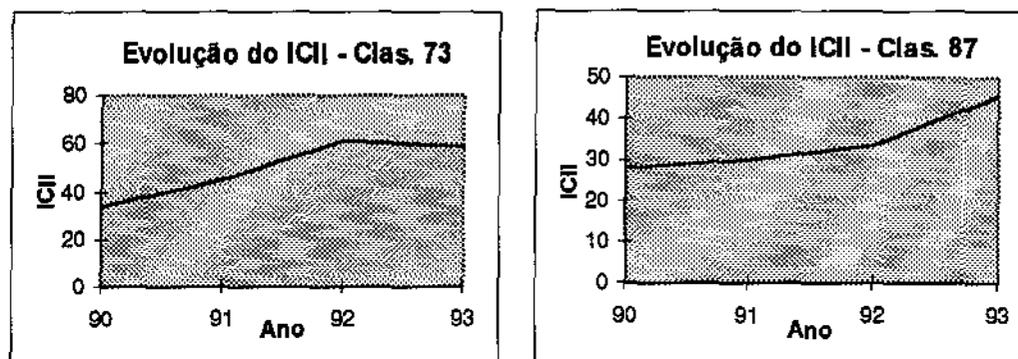


Outros setores vem mantendo, com algumas oscilações, o alto patamar de comércio intra-industrial. Podem ser mencionados 51 (Produtos Químicos Orgânicos), 55 (Produtos para Perfumaria e Higiene), 61 (Couros e Peles), 62 (Manufaturas de Borracha), 64 (Papéis e Cartões), 66 (Artigos Minerais não Metálicos), 68 (Materiais não Ferrosos), 69 (Manufaturas de Metal), 71 (Geradores), 75 (Máquinas de Escritório e Automação), 76 (Equipamentos de Telecomunicação). Nota-se a forte presença da classificação de Manufaturas Básicas (6), para a qual o Brasil já apresenta vantagens comparativas grandes e vem, nos últimos anos, consolidando o comércio intra-industrial, amadurecendo, assim o padrão de comércio. O gráfico abaixo mostra a evolução do ICII para o setor 64 (Papéis e Cartões).



Observam-se também setores nos quais o comércio intra-industrial vem crescendo de forma considerável, quais sejam, 02 (Laticínios e Ovos), 42 (Óleos e

Gorduras Vegetais Fixas), 73 (Maquinaria Metalúrgica), 87 (Instrumentos de Precisão). Estes setores começam a acompanhar a tendência dos setores acima mencionados no que se refere à sua forma de relação comercial com o exterior. Os gráficos abaixo mostram essa evolução.



Os setores com participação intermediária relativamente constante de comércio intra-industrial são 23 (Borracha Bruta), 24 (Cortiça e Madeira), 251 (Celulose e Aparas de Papel), 33 (Petróleo e Derivados), 541 (Produtos Medicinais e Farmacêuticos), 562 (Fertilizantes Industrializados), 67 (Ferro Gusa e Aço). Constata-se que se tratam, na sua maioria, de setores produtores de bens primários.

Por fim, existem os setores para os quais o comércio intra-industrial é baixo, descendente ou por demais oscilante e incerto. São 01 (Alimentos e Preparados), 04 (Cereais e Derivados), 06 (Açúcar e Derivados), 07 (Café, Chá, Cacau e Temperos), 081 (Comida para Animais), 12 (Tabacos e Derivados), 22 (Grãos e Frutas Oleaginosas), 26 (Fibras Têxteis e Resíduos), 32 (Carvão, Coque e Briquetes), 341 (Gás Natural e Industrializado), 63 (Manufaturas de Madeira e Cortiça), 821 (Móveis e Peças), 84 (Roupas e Acessórios), 851 (Calçados). Nota-se que são setores produtores de bens primários, em geral.

2.3) Análise do Comércio entre Brasil e Argentina

Na medida em que o Mercosul e as conseqüentes políticas de desregulamentação alfandegária intra-regional vêm se tornando realidades viáveis, o

volume de comércio no Cone Sul está apresentando um crescimento constante e expressivo.

Esta nova situação traz implicações importantes para a inserção comercial internacional do Brasil, na medida em que seu padrão de comércio com o Mercosul difere substancialmente daquele em relação aos países desenvolvidos.

A diferença é referente à própria pauta de exportação, ou seja, para os países desenvolvidos, o Brasil é exportador líquido de certos tipos de produtos e importador líquido de outros, como vimos na análise precedente. Com o Mercosul, a situação não é a mesma, pois o Brasil não importa nem exporta os mesmos bens na mesma razão do comércio com os países desenvolvidos.

Como já dissemos, estamos tomando a Argentina como referência para o Mercosul, uma vez que com este país o Brasil realiza a grande maioria do comércio no âmbito do Mercosul.

Para analisar o padrão de comércio Brasil-Argentina utilizamos os mesmos índices empregados para discutir a inserção junto ao resto do mundo, quais sejam, o de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR), o de Contribuição ao Saldo (CS) e o Índice de Comércio Intra-Industrial (ICII).

Reconhecemos que outros fatores, além daqueles medidos pelos índices acima mencionados, são importantes na determinação de como será o padrão e o fluxo de comércio entre dois países ou um grupo deles. Por exemplo, citamos fatores de ordem macroeconômica como taxa de câmbio, nível de atividade e custo de mão-de-obra. Porém, estamos restringindo a nossa análise aos elementos previstos nos índices supracitados.

Para a Argentina, o Brasil é proporcionalmente mais importante como fornecedor e comprador de seus produtos do que aquele país o é para o Brasil. A Tabela 6 abaixo mostra a importância e a evolução da participação de cada um dos países no comércio exterior do outro.

Outra característica do comércio Brasil-Argentina é o fato da pauta exportadora argentina ser mais concentrada em alguns poucos produtos (sobretudo de origem agrícola) e a brasileira ser mais diversificada. Isso acaba por revelar a também maior diversificação do parque produtivo brasileiro em comparação ao seu vizinho portenho.

Tabela 6
Participação Recíproca de Brasil e Argentina no Comércio Bilateral (%)

	1.990	1.991	1.992	1.993
1	17,5	18,5	22,5	21,3
2	6,7	7,6	8,2	10,1

1 - Participação das exportações brasileiras para a Argentina em relação às importações totais deste último.

2 - Participação das exportações argentinas para o Brasil em relação às importações totais deste último.

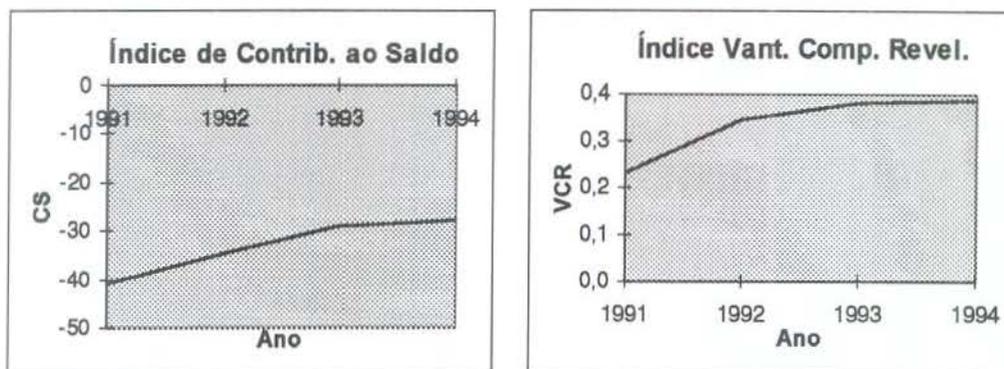
Fonte: *International Trade Statistics Yearbook 1993* - United Nations.

2.3.1) As Vantagens Comparativas do Brasil em relação à Argentina no Comércio Bilateral

Utilizamos aqui os índices de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e o de Contribuição ao Saldo (CS) para efetuarmos a análise. Os dados para a análise foram extraídos das Tabela 17 e 18 do anexo estatístico.

Quanto à classificação 0 a vantagem é claramente argentina. Esta realidade é ratificada pela grande concentração das exportações argentinas nessa faixa de produtos. Em geral, a Argentina apresenta vantagens comparativas fortes em relação ao Brasil em produtos de clima temperado e o Brasil vantagens em produtos de clima tropical. Neste fato se evidencia as diferenças nas dotações naturais de fatores de produção entre os dois países.

O gráfico abaixo mostra a evolução das vantagens comparativas reveladas e do índice de contribuição ao saldo do Brasil em relação à Argentina para os bens da classificação 0 da SITC.

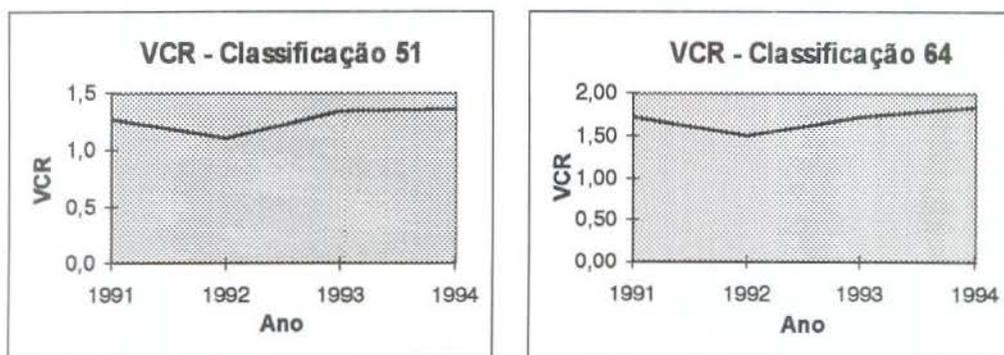


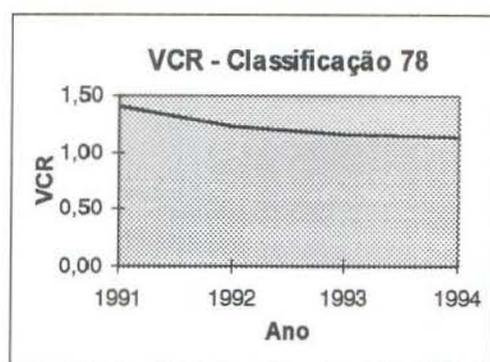
No que tange à classificação 2 (Materiais Brutos Não Comestíveis) a vantagem é brasileira, apesar de existirem os produtos da classificação 22 (Grãos e Frutas Oleaginosas), onde a vantagem é argentina.

Os índices quanto aos combustíveis minerais mostram vantagem da Argentina, mais uma vez reforçando a questão das vantagens comparativas naturais.

Nas classificações 5 (Produtos Químicos), 6 (Manufaturas Básicas) e 7 (Máquinas e Equipamentos de Transporte) da SITC a situação da inserção brasileira é positiva. Os índices de vantagens comparativas são favoráveis ao Brasil, com exceção da classificação 61 (Couros e Peles).

Os gráficos mostram a evolução dos três setores em termos de vantagens comparativas.



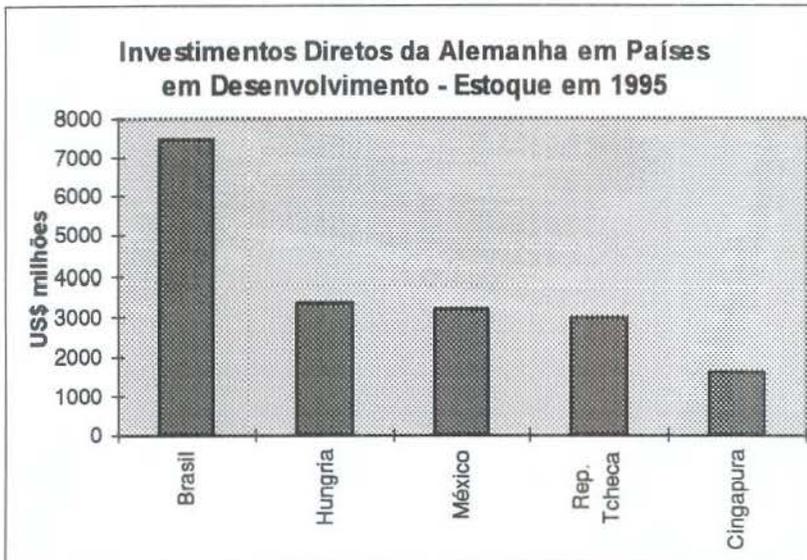
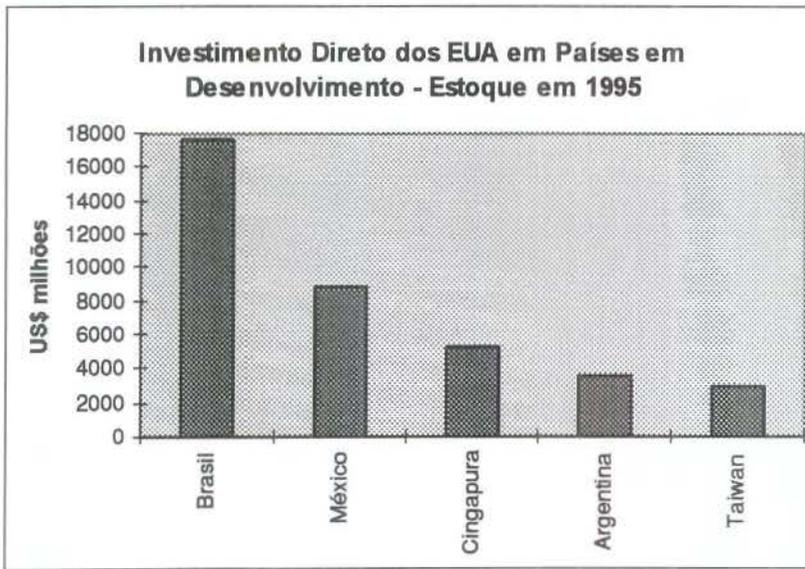


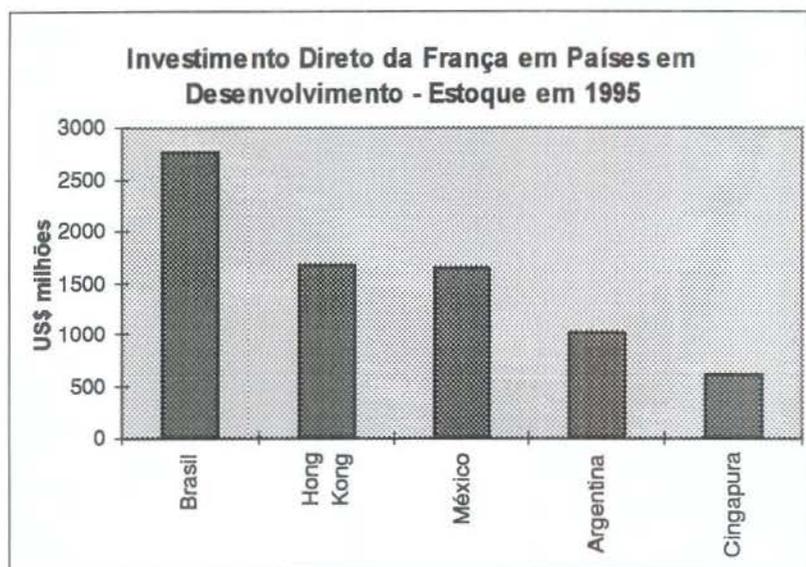
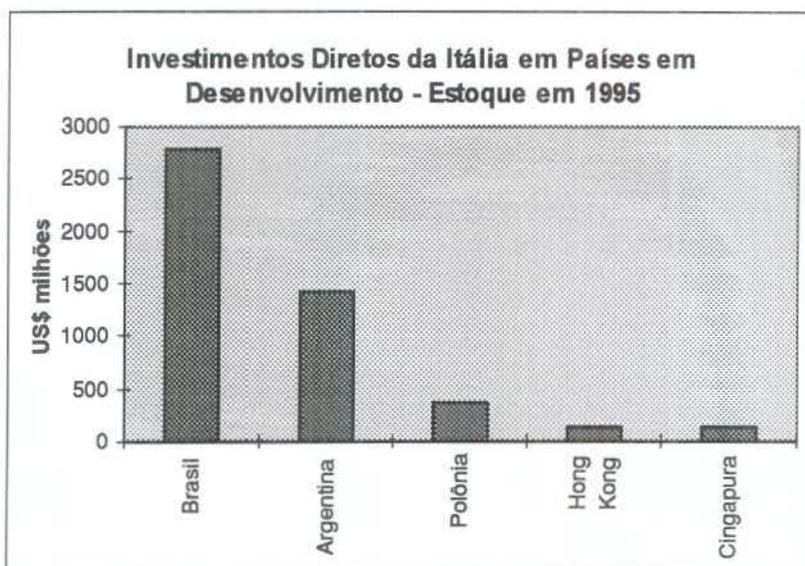
A vantagem brasileira nestes setores (capital intensivos) mostra que o país detém vantagens comparativas diferenciadas no âmbito do Mercosul. Segundo nossas hipóteses isso se deve a basicamente dois fatores: (1) as economias de escala superiores no Brasil em relação às demais economias do Cone Sul; e (2) o maior estoque de capital internacional produtivo no país.

Como o modelo de industrialização implantado tanto no Brasil como na Argentina a partir da década de 50 foi basicamente voltado para atender ao mercado interno, é normal que hoje, como herança desse modelo, as plantas produtivas sejam maiores no Brasil do que na Argentina, dada a maior dimensão do mercado brasileiro. Dessa forma, o fator “economia de escala” pesa positivamente para o Brasil.

Quanto à questão do investimento externo, o estoque de capital produtivo no Brasil é consideravelmente superior no Brasil do que na Argentina, segundo o relatório “Tendências do Investimento Direto no Brasil e no Mundo” da SOBEET (Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica), publicado no jornal Folha de São Paulo de 10/11/96.

Este relatório mostra o estoque de investimentos em países em desenvolvimento efetuados por quatro países desenvolvidos: Estados Unidos, Alemanha, Itália e França. Os gráficos abaixo resumem o volume e a localização dos investimentos.





Segundo ainda o mesmo relatório, o Brasil é o país onde se verifica o maior volume de investimentos japoneses na América Latina.

Então, o Brasil ratifica as suas vantagens comparativas em bens capital intensivos no mercado do Cone Sul e ambas hipóteses (estoque de capitais

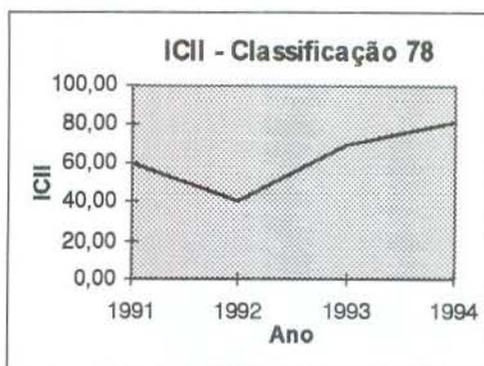
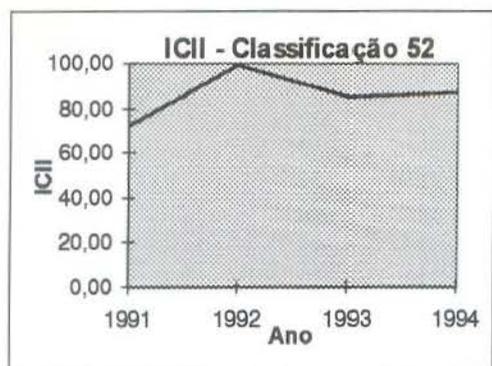
internacionais produtivos e maiores economias de escala) parecem se confirmar enquanto explicativas dessa inserção.

2.3.2) O Comércio Intra-Industrial na Região

O comércio intra-industrial vem crescendo sustentadamente desde meados da década de 80. Na década de 90, percebemos elevados índices em 91, queda substancial em 92 para bens industrializados e recuperação em 93 e 94. Isso é observável na Tabela 19 do anexo estatístico.

Existem setores para os quais o comércio intra-industrial é forte e estável: 12 (Tabaco e Derivados), 251 (Celulose e Aparas de Papel), 27 (Fertilizantes Minerais Brutos), 51 (Produtos Químicos Orgânicos), 52 (Produtos Químicos Inorgânicos), 53 (Produtos para Coloração e Curtimento), 58 (Materiais Plásticos), 71 (Geradores), 75 (Máquinas de Escritório e Automação), 78 (Veículos Automotores). Tratam-se de setores que, na maioria, estão de alguma forma ligados ao complexo automobilístico, o qual vem desenvolvendo na região um padrão de intercâmbio bastante articulado e moderno, semelhante às articulações intra-industriais da União Européia. Um fator que fortalece esse intercâmbio é que as montadoras de automóveis que estão instaladas no Brasil são praticamente as mesmas daquelas instaladas na Argentina. Então, o comércio tem um caráter não apenas inter-industrial mas também intra-firma.

Os gráficos abaixo mostram a evolução de alguns setores selecionados acima.



Um segundo grupo de setores é identificado pelas vantagens absolutas de comércio, apresentando estabilidade e relevância quanto ao comércio intra-industrial. São basicamente alguns itens da classificação 0, 1, 2 e 3, ou seja, produtos naturais ou de processamento primário.

Outro grupo é marcado pela grande instabilidade desse tipo de comércio. Geralmente são setores muito suscetíveis às instabilidades macroeconômicas, comuns nos países da região. Na Tabela 19 equivalem às classificações 01 (Alimentos e Preparados), 02 (Laticínios e Ovos), 24 (Cortiça e Madeira), 64 (Papéis e Cartões), 65 (Fios Têxteis), 84 (Roupas e Acessórios), 851 (Calçados).

As demais classificações apresentam níveis médios ou baixos (ou eventualmente altos) de comércio intra-industrial, muitos por demais oscilantes para delinear regularidade.

CAPÍTULO 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção do Brasil com o resto do mundo é marcada pela concentração das vantagens comparativas brasileiras nos produtos naturais e, sobretudo, nos de manufaturados básicos. Isso evidencia, segundo os pressupostos dos índices VCR e CS, a abundância no Brasil dos fatores de produção intensivos nestes setores. Basicamente, são tais fatores recursos naturais. Os dados nos permitem concluir que nos setores intensivos em tecnologia, para os quais se requerem investimentos elevados e economias de escala, o Brasil tem uma inserção no comércio internacional pouco vantajosa, indicando que os fluxos de investimentos e as economias de escala são menores no Brasil do que nas economias desenvolvidas.

Então, a inserção do Brasil junto às economias centrais é pouco vantajosa, de um modo geral, na medida em que se revelam vantagens comparativas do Brasil nos produtos com menor elasticidade-preço da demanda.

Embora existam as desvantagens aludidas, o índice crescente de comércio intra-industrial nos setores com maior elasticidade-preço da demanda (Química, Metal-mecânica, etc) pode representar uma possibilidade de mudança na inserção comercial do Brasil, uma vez que, para estes setores, observa-se um padrão de comércio maduro e muito semelhante àquele dos países desenvolvidos. O desafio está em justamente viabilizar as bases para tornar estes setores não apenas articulados internacionalmente, mas principais geradores de divisas. Trata-se, portanto, de criar as vantagens comparativas necessárias à superação desse tipo de dependência.

Dessa maneira, tornam-se necessárias políticas que tornem menos escassos os fatores de produção intensivos nesses setores, quais sejam, conhecimento tecnológico, mão-de-obra qualificada, infra-estrutura, etc.

A inserção do Brasil em relação ao Mercosul é diferente da inserção em relação ao resto do mundo. No caso do Cone Sul, o padrão de comércio é mais favorável ao Brasil, pois as exportações brasileiras para a Argentina são caracterizadas pela presença majoritária de bens industrializados em geral, os quais apresentam uma maior elasticidade-preço da demanda.

A Argentina mantém com o Brasil o mesmo padrão de inserção comercial que mantém com o resto do mundo, a exceção de alguns setores onde vem se desenvolvendo um padrão de comércio tipo intra-industrial.

Dessa forma, pode-se afirmar que as relações de troca no Mercosul são assimétricas, sendo estas últimas favoráveis ao Brasil. A superação desse alto grau de assimetria certamente passará por políticas coordenadas entre os países integrantes no sentido de construir vantagens comparativas que traga alguma homogeneização das estruturas produtivas desses países, o que levaria seguramente a um maior amadurecimento das relações de troca. Além disso, deve-se buscar a capacitação do bloco de países para que este consiga concorrer competitivamente, ao menos em alguns setores estratégicos, no agressivo mercado “globalizado”.

ANEXO ESTATÍSTICO

Tabela 7
Principais destinos das exportações brasileiras
Participação percentual dos principais países

País/Ano	1990	1991	1992	1993	1994	1995
E.U.A.	23.80	20.20	19.70	20.70	20.25	18.67
Argentina	1.40	4.70	8.50	9.50	9.50	8.69
Japão	7.40	8.10	6.40	6.00	5.91	6.67
Holanda	7.80	6.80	6.50	6.40	7.07	6.27
Alemanha	5.40	6.80	5.70	4.70	4.71	4.64
Itália	5.00	4.30	4.40	3.40	3.78	3.68
Bélg.-Lux	3.10	3.40	3.30	2.90	3.11	3.46
Grã-Bret.	2.70	3.30	3.60	2.90	2.82	2.85
Paraguai	1.30	1.60	1.50	2.50	2.42	2.80
Chile	1.50	2.10	2.60	2.90	2.29	2.60
Outros	40.60	38.70	37.80	38.10	38.14	39.67
Total	100.00	100.00	100.00	100.00	100.0	100.0

Fonte: para 1990, 1991, 1992 e 1993: *International Trade Statistics Yearbook 1993*, United Nations; para 1994 e 1995 *Balança Comercial Brasileira, dez/95*, Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo.

Tabela 8
Principais origens das importações brasileiras
Participação percentual dos principais países

País/Ano	1990	1991	1992	1993	1994	1995
E.U.A.	20.1	23.5	24.0	23.4	*	*
Argentina	6.7	7.6	8.2	10.1	*	*
Alemanha	8.1	8.8	9.0	8.7	*	*
Japão	7.2	5.9	5.6	6.0	*	*
Ar. Saudita	7.4	6.4	7.4	6.0	*	*
Itália	3.3	3.7	3.9	3.6	*	*
França	2.8	2.8	2.8	2.7	*	*
Canadá	2.2	2.5	2.4	2.7	*	*
Irã	4.5	4.5	4.8	1.2	*	*
Iraque	4.5	0.0		0.0	*	*
Outros	33.2	34.3	31.9	35.6	*	*
Total	100.0	100.0	100.0	100.0		

*Dados não disponíveis

Fonte: *International Trade Statistics Yearbook 1993*, United Nations.

Tabela 9
Participação Percentual dos Bens na Exportação
Brasil 1990-1993

Cód.SITC	Produto	1990	1991	1992	1993
0	Alimentos e Animais Vivos	21,07	19,63	19,08	19,21
01	Alimentos e Preparados	1,99	2,82	3,4	3,44
03	Peixes e Preparados	0,44	0,5	0,47	0,5
05	Legumes e Frutas	5,58	3,8	4,02	3,19
06	Açúcar e Derivados	1,84	1,56	1,85	2,26
07	Café, Chá, Cacau e Temperos	5,51	6,03	4,18	4,38
081	Comida para Animais	5,65	4,8	4,94	5,17
1	Bebidas e Tabaco	2,14	2,79	2,91	2,54
12	Tabaco e Derivados	1,99	2,59	2,73	2,33
2	Materiais Brutos não Comestíveis	15,29	14,31	12,91	12,26
22	Grãos e Frutas Oleaginosas	2,91	1,43	2,26	2,45
24	Cortiça e Madeira	0,47	0,47	0,52	0,67
251	Celulose e Aparas de Papel	1,91	1,85	2,06	1,86
26	Fibras Têxteis e Resíduos	0,71	0,7	0,3	0,16
27	Fertilizantes Minerais Brutos	0,45	0,42	0,33	0,35
28	Minérios Metálicos e Sucatas	8,59	9,15	7,12	6,46
3	Combustíveis Minerais etc	2,17	1,38	1,61	1,67
33	Petróleo e Derivados	2,17	1,38	1,61	1,67
4	Óleos e Gorduras Vegetais e Animais	1,57	1,07	1,15	1,07
42	Óleos e Gorduras Vegetais Fixas	1,35	0,88	0,97	0,89
5	Produtos Químicos	5,89	5,96	5,91	6
51	Produtos Químicos Orgânicos	2,3	2,2	2,17	2,06
52	Produtos Químicos Inorgânicos	0,71	0,65	0,55	0,59
53	Produtos para Coloração e Curtimento	0,18	0,2	0,4	0,31
541	Produtos Medicinais e Farmacêuticos	0,25	0,32	0,31	0,29
55	Produtos para Perfumaria e Higiene	0,21	0,24	0,3	0,39
58	Materiais Plásticos	1,46	1,53	1,41	1,54
59	Materiais de Produtos Químicos	0,65	0,67	0,64	0,69

(continuação)

Cód.SITC	Produto	1990	1991	1992	1993
6	Manufaturas Básicas	25,87	28,45	27,21	26,69
61	Couros e Peles	1,19	1,22	1,29	1,3
62	Manufaturas de Borracha	0,91	1,06	1,23	1,3
63	Manufaturas de Madeira e Cortiça	0,64	0,63	0,82	1,26
64	Papéis e Cartões	2,21	2,32	2,24	2,31
65	Fios Têxteis	2,54	2,75	2,9	2,47
66	Artigos Minerais Não Metálicos	1,17	1,24	1,27	1,66
67	Ferro Gusa e Aço	11,42	13,07	11,54	10,84
68	Materiais Não Ferrosos	4,68	4,82	4,5	3,85
69	Manufaturas de Metal	1,11	1,27	1,43	1,7
7	Máquinas e Equip. de Transporte	18,46	18,58	20,78	20,93
71	Geradores	3,22	3,02	2,52	2,7
72	Máquinas Especiais p/ Indústria	1,73	1,85	1,97	2,01
73	Maquinaria Metalúrgica	0,2	0,32	0,33	0,33
74	Máquinas Industriais em Geral	2,59	2,72	2,74	3,21
75	Máquinas de Escritório e Automação	0,55	0,86	0,77	0,64
76	Equipamentos de Telecomunicação	1,4	1,14	1,03	1,02
77	Maquinaria Elétrica	1,67	1,81	2,07	2,28
78	Veículos Automotores	4,99	4,99	7,63	7,27
79	Outros Equipamentos de Transporte	2,1	1,87	1,73	1,46
8	Demais bens manufaturados	6,32	6,68	7,55	9,02
821	Móveis e Peças	0,14	0,21	0,39	0,67
84	Roupas e Acessórios	0,79	0,9	0,97	1,05
851	Calçados	3,52	3,72	3,92	4,81
87	Instrumentos de Precisão	0,28	0,32	0,31	0,43
88	Equipamentos Fotográficos e Óticos	0,54	0,51	0,57	0,53
89	Outros Manufaturados	0,95	9,78	1,33	1,45
9	Bens Não Classificados	1,22	1,13	0,89	0,62
	Total	100	100	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir do *International Trade Statistics Yearbook 1993*, United Nations.

Tabela 10
Participação Percentual dos Bens na Exportação
Brasil 1994 e 1995

Código	Produto	1994	1995
1	Animais Vivos e Prod. Reino Animal	2,88	2,33
	Carnes e Miudezas Comestíveis	2,38	1,94
	Peixes, Crustáceos, Moluscos, etc	0,33	0,19
	Leite e Latic., Ovos de Aves, Mel, etc	0,03	0,02
	Outros	0,14	0,18
2	Produtos do Reino Vegetal	4,37	6,15
	Frutas, Cascas Cítricos e de Melões	0,67	0,72
	Café, Chá, Mate e Especiarias	3,53	5,23
	Sementes e Frutos Oleag., Grãos, etc	0,07	0,04
	Gomas. Resinas e Outros	0,03	0,07
	Sucos		
	Outros	0,07	0,09
3	Gorduras, Óleos e Ceras Anim. e Veg.	2,09	2,09
4	Produtos Aliment., Bebidas e Fumo	14,17	15,4
	Açúcares e Produtos de Confeitaria	2,01	5,01
	Cacau e Suas Preparações	1,1	0,64
	Prep. de Prod. Hort., Frutas, etc	3,11	3,6
	Resíduos e Desperd.Inds. Alim., etc	3,9	2,63
	Fumos e Seus Sucedâneos	1,79	1,48
	Manuf.		
	Outros	2,26	2,04
5	Produtos Minerais	8,68	7,67
	Minérios, Escórias e Cinzas	6,02	6,2
	Combustíveis, Óleos Ceras	2,36	1,21
	Min., etc		

(continuação)

Código	Produto	1994	1995
	Outros	0,3	0,26
6	Produtos Inds. Químicas e Conexas	4,86	6,01
	Produtos Químicos Inorgânicos	0,7	0,62
	Produtos Químicos Orgânicos	1,88	2,91
	Produtos Farmacêuticos	0,17	0,23
	Adubos e Fertilizantes	0,02	0,04
	Extratos Tanantes e Tint., Tintas, etc	0,34	0,33
	Prod. para Fotog. e Cinematografia	0,49	0,35
	Outros	1,26	1,53
7	Plásticos e Borracha, e Suas Obras	3,31	2,95
	Plástico e Suas Obras	1,95	1,61
	Borracha e Suas Obras	1,36	1,33
8	Peles, Couros, Pleteria, e Obras, etc	1,45	1,34
	Peles (Exceto Pelet.), e Couros	1,33	1,24
	Outros	0,12	0,1
9	Madeira, Cortiça e Suas Obras, etc	2,37	2,78
	Mad. e Suas Obras, Carvão Vegetal	2,37	2,77
	Outros	< 0,01	0,01
10	Pastas de Mad., Papel e Suas Obras	4,53	6,44
	Pastas de Mad., Papel, etc	2,24	3,77
	Papel e Cartão e Suas Obras	2,2	2,6
	Outros	0,09	0,07
11	Matérias Têxteis e Suas Obras	3,31	3,15
	Algodão	0,52	0,6
	Pastas, Feltros e Falsos	0,49	0,55
	Tecidos, etc		
	Vestuário e Seus Aces. de Malha	0,38	0,37
	Outros	1,92	1,63

(continuação)

Código	Produto	1994	1995
12	Calçados, Chapéus, etc	6,07	4,71
	Calçados, Polainas e Suas Partes	6,06	4,69
	Outros	0,01	0,02
13	Obras Pedra, Cerâmica, Vidros, etc	1,29	1,35
14	Pérolas Naturais, Pedras Prec., etc	0,47	0,91
15	Metais Comuns e Suas Obras	17,31	16,48
	Ferro Fund., Ferro e Aço	11,32	9,5
	Obras de Ferro Fund., Ferro ou Aço	1,28	1,22
	Alumínio e Suas Obras	3,45	3,92
	Outros Metais e Suas Obras	0,7	1,01
	Ferramentas, Art. Cutelaria, talheres	0,45	0,67
	Outros	0,74	0,16
16	Máqs. e Aparelhos, Mat. Elétr., etc	11,66	11,8
	Reator Nuclear, Clad., Maq., etc	8,14	8,67
	Máquinas, Apar. e Mats. Elétr., etc	3,52	3,13
17	Material de Transporte	8,92	5,53
	Veículos, Autom., Trat., Ciclos, etc	7,25	5,13
	Outros	1,67	0,4
18	Instrumentos e Aparelhos Científicos	0,48	0,48
	Instrum. e Apar. de Ótica, Fotogr., etc	0,48	0,47
	Outros	< 0,01	0,01
19	Armas e Munições	0,29	0,2
20	Mercadorias e Produtos Diversos	0,8	0,82
	Móveis, Mobil. Médico-Cirurg., etc	0,59	0,63
	Outros	0,21	0,19

(continuação)

Código	Produto	1994	1995
21	Objetos de Arte, de Col. e Antiquid.	< 0,01	0,07
	Transações Especiais	1,76	1,35
	TOTAL	100	100

Fonte: Balança Comercial Brasileira, Janeiro de 1995, Ministério do Comércio e do Turismo.

Tabela 11
Participação Percentual dos Bens na Importação
Brasil 1990-1993

Cód.SITC	Produto	1990	1991	1992	1993
0	Alimentos e Animais Vivos	8,74	10,04	8,06	8,37
01	Alimentos e Preparados	1,37	0,58	0,6	0,19
02	Laticínios e Ovos	0,78	0,98	0,36	0,57
03	Peixes e Derivados	0,86	0,84	0,59	0,72
04	Cereais e Derivados	3,37	5,45	4,66	5,04
05	Legumes e Frutas	1,86	1,79	1,4	1,34
1	Bebidas e Tabaco	0,23	0,32	0,35	0,3
2	Materiais Brutos não Comestíveis	5,78	5,93	5,88	6,4
22	Grãos e Frutas Oleaginosas	0,1	0,33	0,53	0,14
23	Borracha Bruta	0,84	0,84	0,78	0,73
26	Fibras Têxteis e Resíduos	0,94	1,05	1,25	2,8
27	Fertilizantes Minerais Brutos	0,71	0,78	0,57	0,5
28	Minérios Metálicos e Sucatas	2,4	2,23	2,09	1,54
3	Combustíveis Minerais etc	26,97	23,97	24,75	20,31
32	Carvão, Coque e Briquetes	2,94	3,53	3,63	2,73
33	Petróleo e Derivados	22,93	19,2	19,71	16,65
341	Gás Natural e Industrializado	1,09	1,24	1,42	0,93
4	Óleos e Gorduras Vegetais e Animais	0,33	0,54	0,62	0,76
42	Óleos e Gorduras Vegetais Fixas	0,21	0,43	0,49	0,59
5	Produtos Químicos	15,18	16,09	15,57	15,67
51	Produtos Químicos Orgânicos	6,46	6,91	5,96	6,1
52	Produtos Químicos Inorgânicos	1,58	1,52	1,43	1,15
53	Produtos para Coloração e Curtimento	0,9	0,73	0,84	0,92

(continuação)

Cód.SITC	Produto	1990	1991	1992	1993
541	Produtos Medicinais e Farmacêuticos	1,63	1,85	1,71	1,77
55	Produtos para Perfumaria e Higiene	0,32	0,32	0,27	0,39
562	Fertilizantes Industrializados	1,7	1,92	2,29	2,1
58	Materiais Plásticos	1,48	1,76	1,8	2,07
59	Materiais de Produtos Químicos	1,1	1,08	1,25	1,15
6	Manufaturas Básicas	8,92	9,22	8,71	8,7
61	Couros e Peles	0,88	0,84	0,75	0,75
62	Manufaturas de Borracha	0,55	0,52	0,57	0,66
64	Papéis e Cartões	1,24	1,48	1,14	1,13
65	Fios Têxteis	1,14	1,38	1,18	1,6
66	Artigos Minerais Não Metálicos	0,75	0,72	0,78	0,76
67	Ferro Gusa e Aço	1,32	1,15	1,2	0,94
68	Materiais Não Ferrosos	1,78	1,81	1,85	1,56
69	Manufaturas de Metal	1,2	1,28	1,16	1,25
7	Máquinas e Equip. de Transporte	28,29	28,07	30,69	33,97
71	Geradores	2,92	2,34	2,53	2,41
72	Máquinas Especiais p/ Indústria	4,77	4,72	4,51	3,94
73	Maquinaria Metalúrgica	1,37	1,52	1,19	1,1
74	Máquinas Industriais em Geral	4,68	4,38	4,63	4,64
75	Máquinas de Escritório e Automação	2,09	2,24	3,35	3,41
76	Equipamentos de Telecomunicação	2,47	2,36	2,48	3,18
77	Maquinaria Elétrica	6,47	6	6,02	6,3
78	Veículos Automotores	2	2,91	4,21	6,87
79	Outros Equipamentos de Transporte	1,51	1,6	1,78	2,12

(continuação)

Cód.SITC	Produto	1990	1991	1992	1993
8	Demais bens manufaturados	5,56	5,8	5,33	5,28
87	Instrumentos de Precisão	2,4	2,47	2,5	2,05
88	Equipamentos Fotográficos e Óticos	1,16	1,13	1,08	0,99
89	Outros Manufaturados	1,56	1,61	1,41	1,77
	TOTAL	100	100	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir do *International Trade Statistics Yearbook 1993*, United Nations.

Tabela 12
Exportação Brasileira para a Argentina
Participação percentual dos produtos na pauta

	Produto	1994	1995
1	Material de Transporte	24,18	19,33
2	Máquinas, Aparelhos Mecan. e Eletr.	19,75	18,85
3	Produtos da Ind. Química	14,85	19,83
4	Produtos Metalúrgicos e Ferramentas	11,13	11,78
5	Produtos Minerais	4,85	4,11
6	Borracha e Suas Obras	2,28	2,31
7	Matérias Têxteis e Suas Obras	4,26	4,39
8	Celulose, Papel e Suas Obras	4,34	5,44
9	Prods. das Ind. Alim. Beb., Fumo, etc	4,78	4,63
10	Animais Vivos e Prod. origem animal	1,98	1,45
11	Produtos de Origem Vegetal	2,09	2,76
12	Obras de Pedra, Cerâm., Vidros, etc	1,56	1,46
13	Demais Produtos	3,95	3,67
	Total	100	100

Fonte: *Intercâmbio Comercial Brasil x Mercosul*, Janeiro/Dezembro 1995, Ministério da Indústria, Comércio e do Turismo/SECEX.

Tabela 13
Exportação argentina para o Brasil
Participação percentual dos produtos na pauta

	Produto	1994	1995
1	Material de Transporte	18,27	18,31
2	Máquinas, Aparelhos Mecan. e Eletr.	6,72	8,29
3	Produtos da Ind. Química	6,34	6,53
4	Produtos Metalúrgicos e Ferramentas	1,02	1,47
5	Produtos Minerais	16,91	14,71
6	Matérias Têxteis e Suas Obras	5,31	5,25
7	Celulose, Papel e Suas Obras	0,41	1,71
8	Prods. das Ind. Alim. Beb., Fumo, etc	1,77	3,24
9	Animais Vivos e Prod. origem animal	6,64	8,39
10	Produtos de Origem Vegetal	28,08	24,35
11	Peles, Couros e Suas Obras	2,72	1,95
12	Gorduras e Óleos Animais e Veget.	3,94	2,18
13	Instrumentos e Aparelhos de Ótica	0,11	0,13
14	Demais Produtos	1,75	3,48

Fonte: *Intercâmbio Comercial Brasil x Mercosul*, Janeiro/Dezembro 1995, Ministério da Indústria, Comércio e do Turismo/SECEX.

Tabela 14

Índices de Contribuição ao Saldo do Brasil em Relação ao Resto do Mundo

Cód.SITC	Produto	1990	1991	1992	1993
0	Alimentos e Animais Vivos	3,3448	9,3577	10,4222	10,5514
01	Alimentos e Preparados	0,011	2,1819	2,6494	3,1624
02	Laticínios e Ovos	-0,43	-0,9359	-0,2926	-0,4898
03	Peixes e Preparados	-0,3066	-0,3324	-0,1109	-0,2199
04	Cereais e Derivados	-1,863	-5,2846	-4,3564	-4,8333
05	Legumes e Frutas	1,1321	1,9539	2,4788	1,7994
06	Açúcar e Derivados	0,7012	1,4843	1,733	2,1882
07	Café, Chá, Cacau e Temperos	2,1235	5,8398	3,9145	4,2206
081	Comida para Animais	2,1987	4,6844	4,6698	5,0331
1	Bebidas e Tabaco	0,7052	2,4168	2,4208	2,1795
12	Tabaco e Derivados	0,7723	2,4281	2,429	2,1741
2	Materiais Brutos não Comestíveis	2,7527	8,1758	6,6519	5,7002
22	Grãos e Frutas Oleaginosas	1,0766	1,0666	1,6337	2,2539
23	Borracha Bruta	-0,4382	-0,7398	-0,6653	-0,6419
24	Cortiça e Madeira	0,1131	0,3701	0,4179	0,5513
251	Celulose e Aparas de Papel	0,5789	1,5426	1,7165	1,5382
26	Fibras Têxteis e Resíduos	-0,2456	-0,3415	-0,8995	-2,577
27	Fertilizantes Minerais Brutos	0,2184	-0,3424	-0,2309	-0,15
28	Minérios Metálicos e Sucatas	2,01	6,7526	4,7569	4,7868
3	Combustíveis Minerais etc	-14,134	-22,0202	-21,8879	-18,1356
32	Carvão, Coque e Briquetes	-1,6335	-3,4348	-3,4289	-2,6608
33	Petróleo e Derivados	-11,894	-17,3709	-17,1221	-14,5759
341	Gás Natural e Industrializado	-0,6082	-1,2105	-1,3394	-0,902
4	Óleos e Gorduras Vegetais e Animais	0,4244	0,5235	0,5048	0,2936
42	Óleos e Gorduras Vegetais Fixas	0,4084	0,4331	0,4558	0,2937
5	Produtos Químicos	-6,1405	-9,8705	-9,1268	-9,4064
51	Produtos Químicos Orgânicos	-2,694	-4,5912	-3,5788	-3,9344
52	Produtos Químicos Inorgânicos	-0,6022	-0,8452	-0,8318	-0,5473
53	Produtos para Coloração e Curtimento	-0,4307	-0,5182	-0,4115	-0,6001
541	Produtos Medicinais e Farmacêuticos	-0,8108	-1,4994	-1,3241	-1,4463
55	Produtos para Perfumaria e Higiene	-0,0933	-0,0719	0,0266	0,0088
562	Fertilizantes Industrializados	-0,8955	-1,7187	-2,0601	-1,9238
58	Materiais Plásticos	-0,2543	-0,2238	-0,3674	-0,5229
59	Materiais de Produtos Químicos	-0,3583	-0,4003	-0,5822	-0,4474
6	Manufaturas Básicas	5,1119	18,7576	17,4995	17,514
61	Couros e Peles	-0,0271	0,3729	0,5067	0,5295
62	Manufaturas de Borracha	0,0476	0,5314	0,6285	0,6237
63	Manufaturas de Madeira e Cortiça	0,2454	0,613	0,7708	1,2231

(continuação)

Cód.SITC	Produto	1990	1991	1992	1993
64	Papéis e Cartões	0,172	0,8213	1,0398	1,1508
65	Fios Têxteis	0,3567	1,3332	1,6206	0,843
66	Artigos Minerais Não Metálicos	0,0381	0,5077	0,4554	0,8804
67	Ferro Gusa e Aço	3,7143	11,6197	9,7754	9,6346
68	Materiais Não Ferrosos	0,8327	2,9376	2,5096	2,2309
69	Manufaturas de Metal	-0,2342	-0,0118	0,2511	0,4315
7	Máquinas e Equip. de Transporte	-8,5308	-9,2454	-9,3755	-12,6812
71	Geradores	-0,3967	0,6714	-0,0069	0,2868
72	Máquinas Especiais p/ Indústria	-1,974	-2,8003	-2,405	-1,8728
73	Maquinaria Metalúrgica	-0,6839	-1,1745	-0,8205	-0,7476
74	Máquinas Industriais em Geral	-1,5949	-1,6198	-1,7861	-1,3916
75	Máquinas de Escritório e Automação	-0,9487	-1,3487	-2,4391	-2,6976
76	Equipamentos de Telecomunicação	-0,826	-1,1901	-1,3707	-2,1039
77	Maquinaria Elétrica	-2,9446	-4,0834	-3,7335	-3,9098
78	Veículos Automotores	0,8356	2,0298	3,223	0,3961
79	Outros Equipamentos de Transporte	-0,0244	0,2702	-0,0469	-0,6408
8	Demais bens manufaturados	-0,6282	0,8567	2,1047	3,6579
821	Móveis e Peças	0,056	0,2016	0,3643	0,6541
84	Roupas e Acessórios	0,2449	0,7758	0,8499	0,9706
851	Calçados	1,32	3,4732	3,6489	4,5539
87	Instrumentos de Precisão	-1,2219	-2,0983	-2,0672	-1,5754
88	Equipamentos Fotográficos e Óticos	-0,433	-0,6063	-0,4844	-0,4535
89	Outros Manufaturados	-0,4979	7,9735	-0,0775	-0,3128
9	Bens Não Classificados	-0,1551	1,0699	0,7953	0,3317

Fonte: Elaboração própria a partir do *International Trade Statistics Yearbook 1993*, United Nations.

Tabela 15
Índices de Vantagens Comparativas Reveladas entre o Brasil e o Resto do Mundo

Cód.SITC	Produto	1990	1991	1992	1993
0	Alimentos e Animais Vivos	2,7815	2,6326	2,5349	2,5878
01	Alimentos e Preparados	1,8576	2,6806	3,1722	3,2797
02	Laticínios e Ovos	0,0129	0,0303	0,0666	0,1088
03	Peixes e Preparados	0,4473	0,4476	0,4535	0,4565
04	Cereais e Derivados	0,0148	0,0211	0,0378	0,0610
05	Legumes e Frutas	3,6707	2,3807	2,6183	2,1165
06	Açúcar e Derivados	3,8425	4,1063	4,6801	5,5902
07	Café, Chá, Cacau e Temperos	8,3451	9,5442	6,9539	7,0230
081	Comida para Animais	11,5186	9,9161	9,8887	10,3830

(continuação)

Cód.SITC	Produto	1990	1991	1992	1993
1	Bebidas e Tabaco	1,7473	2,2623	2,2817	2,0898
12	Tabaco e Derivados	3,6057	4,6042	4,6854	4,1790
2	Materiais Brutos não Comestíveis	3,1416	3,0514	3,0874	2,9329
22	Grãos e Frutas Oleaginosas	9,3071	4,7334	8,0995	8,7801
23	Borracha Bruta	0,2604	0,3258	0,3366	0,3224
24	Cortiça e Madeira	0,5480	0,5264	0,6485	0,7313
26	Fibras Têxteis e Resíduos	1,0109	1,0177	0,5068	0,2929
27	Fertilizantes Minerais Brutos	0,9872	0,9170	0,9640	1,0291
28	Minérios Metálicos e Sucatas	7,8046	8,6567	7,5899	6,6202
3	Combustíveis Minerais etc	0,2294	0,1321	0,1852	0,1886
32	Carvão, Coque e Briquetes	0,0000	0,0079	0,0001	0,0000
33	Petróleo e Derivados	0,2750	0,1637	0,2219	0,2260
341	Gás Natural e Industrializado	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000
4	Óleos e Gorduras Vegetais e Animais	3,8529	2,6948	2,8364	2,6459
42	Óleos e Gorduras Vegetais Fixas	4,4781	2,8373	3,1307	3,0271
5	Produtos Químicos	0,5959	0,6654	0,6663	0,6807
51	Produtos Químicos Orgânicos	0,9683	1,0158	1,0416	0,9905
52	Produtos Químicos Inorgânicos	0,7980	0,7895	0,7410	0,8397
53	Produtos para Coloração e Curtimento	0,2397	0,3362	0,6513	0,5027
541	Produtos Medicinais e Farmacêuticos	0,1961	0,2609	0,2269	0,2021
55	Produtos para Perfumaria e Higiene	0,3022	0,3831	0,4427	0,5666
562	Fertilizantes Industrializados	0,2892	0,3116	0,2835	0,3721
58	Materiais Plásticos	0,6412	0,7697	0,7321	0,8138
59	Materiais de Produtos Químicos	0,5550	0,6478	0,6134	0,6464
6	Manufaturas Básicas	1,4348	1,7209	1,7103	1,7032
61	Couros e Peles	2,8402	3,1481	3,1968	2,9672
62	Manufaturas de Borracha	1,1172	1,4470	1,5906	1,7254
63	Manufaturas de Madeira e Cortiça	1,1409	1,1780	1,4582	2,0602
64	Papéis e Cartões	1,0472	1,2192	1,2132	1,3240
65	Fios Têxteis	0,7361	0,8408	0,8844	0,7933
66	Artigos Minerais Não Metálicos	0,5008	0,5709	0,5869	0,7721
67	Ferro Gusa e Aço	3,1653	4,0704	3,9593	3,6104
68	Materiais Não Ferrosos	1,9210	2,0926	2,3515	2,0843
69	Manufaturas de Metal	0,4842	0,6276	0,6924	0,8442
7	Máquinas e Equip. de Transporte	0,4605	0,5129	0,5676	0,5585
71	Geradores	1,2116	1,2405	1,0215	1,0671
72	Máquinas Especiais p/ Indústria	0,4114	0,5582	0,6119	0,6361
73	Maquinaria Metalúrgica	0,1793	0,3649	0,4278	0,4722
74	Máquinas Industriais em Geral	0,5566	0,6933	0,6908	0,8124

(continuação)

Cód.SITC	Produto	1990	1991	1992	1993
75	Máquinas de Escritório e Automação	0,1390	0,2199	0,1919	0,1489
76	Equipamentos de Telecomunicação	0,4451	0,3576	0,3280	0,2863
77	Maquinaria Elétrica	0,2704	0,3054	0,3363	0,3268
78	Veículos Automotores	0,4521	0,5302	0,7912	0,7742
79	Outros Equipamentos de Transporte	0,6689	0,5747	0,5309	0,5054
8	Demais bens manufaturados	0,4915	0,5549	0,5860	0,6857
821	Móveis e Peças	0,1491	0,2355	0,4291	0,7296
84	Roupas e Acessórios	0,2413	0,2889	0,2673	0,2889
851	Calçados	4,4540	4,5129	4,5517	5,3151
87	Instrumentos de Precisão	0,1564	0,1958	0,1910	0,2585
88	Equipamentos Fotográficos e Óticos	0,4211	0,4091	0,4570	0,4200
89	Outros Manufaturados	0,2239	2,5396	0,3275	0,3475
9	Bens Não Classificados	0,3999	0,3688	0,3206	0,2586

Fonte: Elaboração própria a partir do *International Trade Statistics Yearbook 1993*, United Nations.

Tabela 16

Índices de Comércio Intra-Industrial entre Brasil e Resto do Mundo

Cód.SITC	Produto	1990	1991	1992	1993
0	Alimentos e Animais Vivos	45,7572	54,1807	41,5785	47,5509
01	Alimentos e Preparados	66,1198	26,1181	19,7142	7,7074
02	Laticínios e Ovos	3,2441	5,3413	34,4208	29,6187
03	Peixes e Preparados	83,7524	89,8210	87,3107	97,8950
04	Cereais e Derivados	1,6847	1,3540	3,5228	4,1508
05	Legumes e Frutas	38,5549	51,1222	35,5645	46,2651
06	Açúcar e Derivados	1,8882	3,1766	0,9675	0,8044
07	Café, Chá, Cacau e Temperos	0,9637	0,9602	1,3371	1,3811
081	Comida para Animais	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000
1	Bebidas e Tabaco	14,3581	15,1882	13,8596	15,4749
12	Tabaco e Derivados	0,0443	5,3831	7,0622	5,5940
2	Materiais Brutos não Comestíveis	42,4295	46,2896	44,0941	54,4413
22	Grãos e Frutas Oleaginosas	4,6898	29,0548	25,5318	7,7021
23	Borracha Bruta	21,2127	23,6077	28,3192	24,6556
24	Cortiça e Madeira	32,3491	24,2207	17,6140	20,5285
251	Celulose e Aparas de Papel	19,9123	19,2849	13,9151	19,2345
26	Fibras Têxteis e Resíduos	97,4001	95,6719	55,2700	14,4500
27	Fertilizantes Minerais Brutos	94,1571	85,8954	95,9661	98,3955
28	Minérios Metálicos e Sucatas	33,3166	30,0535	30,8465	29,1956

(continuação)

Cód.SITC	Produto	1990	1991	1992	1993
3	Combustíveis Minerais etc	20,2735	14,7044	18,9519	20,6006
32	Carvão, Coque e Briquetes	0,0024	0,4102	0,0032	0,0000
33	Petróleo e Derivados	23,3800	18,0144	23,2012	24,5344
341	Gás Natural e Industrializado	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000
4	Óleos e Gorduras Vegetais e Animais	26,4767	53,3561	49,9737	67,8512
42	Óleos e Gorduras Vegetais Fixas	20,1770	52,7627	47,5224	64,3607
5	Produtos Químicos	70,3442	67,5514	75,9091	69,6870
51	Produtos Químicos Orgânicos	66,5294	60,8874	73,9985	64,0592
52	Produtos Químicos Inorgânicos	77,0459	74,1259	76,6675	83,3937
53	Produtos para Coloração e Curtimento	42,9313	54,5165	87,2728	63,5072
541	Produtos Medicinais e Farmacêuticos	35,1151	37,9458	45,0560	36,8093
55	Produtos para Perfumaria e Higiene	96,4678	97,2432	72,0945	82,3320
562	Fertilizantes Industrializados	18,2099	19,8740	14,1904	14,6570
58	Materiais Plásticos	84,0552	91,0554	88,4001	98,3120
59	Materiais de Produtos Químicos	90,5714	91,9516	90,0270	91,2303
6	Manufaturas Básicas	39,5696	38,1241	33,1753	37,8344
61	Couros e Peles	69,3050	66,5841	53,2496	58,7045
62	Manufaturas de Borracha	60,4591	52,3571	44,4206	53,3977
63	Manufaturas de Madeira e Cortiça	1,2915	1,3447	0,8921	0,8744
64	Papéis e Cartões	57,2097	63,2973	48,0021	51,8257
65	Fios Têxteis	48,5502	53,5209	40,5082	63,4470
66	Artigos Minerais Não Metálicos	62,9184	59,2294	55,5873	49,1520
67	Ferro Gusa e Aço	15,2152	12,0599	12,1666	11,7111
68	Materiais Não Ferrosos	42,7786	42,8764	40,6865	44,9540
69	Manufaturas de Metal	87,1067	84,6466	67,1942	69,0626
7	Máquinas e Equip. de Transporte	95,4270	95,3443	95,7047	92,5070
71	Geradores	78,6914	71,9057	76,7767	77,9098
72	Máquinas Especiais p/ Indústria	67,4250	70,0611	82,5090	83,2968
73	Maquinaria Metalúrgica	33,8477	44,4621	61,0675	58,8762
74	Máquinas Industriais em Geral	87,1844	92,1435	97,5635	98,2681
75	Máquinas de Escritório e Automação	53,4719	69,0382	53,9124	41,5375
76	Equipamentos de Telecomunicação	88,5842	79,8526	80,2689	61,9150
77	Maquinaria Elétrica	53,0960	58,6797	71,2944	67,1507
78	Veículos Automotores	44,4365	59,5215	51,0705	80,6736
79	Outros Equipamentos de Transporte	68,0729	76,4901	77,9823	98,1037

(continuação)

Cód.SITC	Produto	1990	1991	1992	1993
8	Demais bens manufaturados	77,2207	77,3977	60,9433	58,9333
821	Móveis e Peças	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000
84	Roupas e Acessórios	18,1382	15,9189	8,4986	7,3336
851	Calçados	3,6834	6,0616	1,8672	3,6797
87	Instrumentos de Precisão	28,2377	29,9065	33,4795	45,3298
88	Equipamentos Fotográficos e Óticos	78,9882	76,3421	91,6060	85,1727
89	Outros Manufaturados	91,8724	21,3353	79,4796	93,3318
9	Bens Não Classificados	79,8210	4,6809	7,1970	48,4592

Fonte: Elaboração própria a partir do *International Trade Statistics Yearbook 1993*, United Nations.

Tabela 17
Índices de Contribuição ao Saldo do Brasil em relação à Argentina

Cód.SITC	Produto	1991	1992	1993	1994
0	Alimentos e Animais Vivos	-41,1576	-34,7792	-28,8745	-27,7027
01	Alimentos e Preparados	-1,8431	1,2450	1,5945	-0,0605
02	Laticínios e Ovos	-2,2071	0,0759	-0,9186	-2,2902
03	Peixes e Preparados	-2,2035	-1,1792	-1,4999	-1,7886
04	Cereais e Derivados	-27,4152	-29,6495	-25,5701	-20,0856
05	Legumes e Frutas	-11,4913	-7,5604	-4,7934	-7,4888
06	Açúcar e Derivados	-0,1398	-0,0106	0,2294	1,3802
07	Café, Chá, Cacau e Temperos	4,2559	1,9243	1,9779	2,7747
081	Comida para Animais	0,0984	0,0620	0,0716	0,0680
1	Bebidas e Tabaco	0,1185	0,0722	0,4134	0,1870
12	Tabaco e Derivados	-0,0981	-0,1599	0,1593	-0,0061
2	Materiais Brutos não Comestíveis	4,6168	-0,2254	3,2605	0,3692
22	Grãos e Frutas Oleaginosas	-3,3454	-2,5007	-0,1975	-0,0148
23	Borracha Bruta	0,1311	0,0702	0,0850	0,1342
24	Cortiça e Madeira	0,0602	0,1320	0,2520	0,2095
251	Celulose e Aparas de Papel	0,1798	0,0836	0,1932	0,1039
26	Fibras Têxteis e Resíduos	0,2964	-1,0062	-0,4093	-2,7022
27	Fertilizantes Minerais Brutos	0,1254	-0,1330	0,0134	-0,0329
28	Minérios Metálicos e Sucatas	7,2210	3,1348	3,3344	3,1442
3	Combustíveis Minerais etc	-2,8198	-5,3598	-17,6419	-15,0272
32	Carvão, Coque e Briquetes	-0,0414	-0,0551	-0,0051	-0,0181
33	Petróleo e Derivados	-2,6441	-5,0668	-16,8374	-14,1349
341	Gás Natural e Industrializado	-0,1395	-0,2399	-0,8006	-0,8744
4	Óleos e Gorduras Vegetais e Animais	-2,5951	-1,5225	-2,0324	-3,6361
42	Óleos e Gorduras Vegetais Fixas	-2,4353	-1,5242	-1,7619	-3,4317

(continuação)

Cód.SITC	Produto	1991	1992	1993	1994
5	Produtos Químicos	6,0482	1,2066	5,8547	6,8657
51	Produtos Químicos Orgânicos	3,1957	1,1647	2,1056	2,2681
52	Produtos Químicos Inorgânicos	-0,5266	-0,5132	0,0248	0,1319
53	Produtos para Coloração e Curtimento	0,1981	-0,1521	0,0609	0,2565
541	Produtos Medicinais e Farmacêuticos	0,0377	-0,0469	0,0629	0,1372
55	Produtos para Perfumaria e Higiene	0,0531	0,1265	0,3031	0,3408
562	Fertilizantes Industrializados	0,0376	0,1117	0,2146	0,2198
58	Materiais Plásticos	0,1223	0,2476	0,3770	0,4532
59	Materiais de Produtos Químicos	0,7314	-0,0824	1,0242	1,0977
6	Manufaturas Básicas	13,2731	14,7719	14,2273	14,9022
61	Couros e Peles	-5,9815	-4,7048	-3,2255	-2,4023
62	Manufaturas de Borracha	3,2592	2,1653	1,4570	1,1771
63	Manufaturas de Madeira e Cortiça	0,2178	0,4013	0,5435	0,5593
64	Papéis e Cartões	4,4833	3,4727	4,4172	3,5130
65	Fios Têxteis	0,6227	1,5520	1,2357	0,9968
66	Artigos Mineraiis Não Metálicos	0,9231	0,6230	1,1319	1,0148
67	Ferro Gusa e Aço	7,5614	8,2672	5,2662	6,2958
68	Materiais Não Ferrosos	0,7210	1,1626	0,8415	0,4941
69	Manufaturas de Metal	1,4660	1,8325	2,5599	3,2535
7	Máquinas e Equip. de Transporte	20,9961	25,0337	20,4672	19,5256
71	Geradores	0,0588	-0,1304	0,3070	1,3870
72	Máquinas Especiais p/ Indústria	1,8058	2,4255	3,8832	4,2714
73	Maquinaria Metalúrgica	-0,3674	0,1337	0,0397	0,3120
74	Máquinas Industriais em Geral	2,7281	2,1971	3,4060	3,6759
75	Máquinas de Escritório e Automação	0,8872	0,1295	0,0118	0,1258
76	Equipamentos de Telecomunicação	1,3760	0,3640	0,3883	-0,3924
77	Maquinaria Elétrica	3,5269	4,4500	5,0126	4,0287
78	Veículos Automotores	11,0207	15,4901	7,2711	5,8758
79	Outros Equipamentos de Transporte	-0,0390	-0,0257	0,1476	0,2414
8	Demais bens manufaturados	1,4302	2,9336	4,1760	4,2578
821	Móveis e Peças	-0,0127	0,4377	0,7081	0,8860
84	Roupas e Acessórios	0,5379	1,1082	0,6039	0,7748
851	Calçados	0,0554	0,3581	0,2302	0,2717
87	Instrumentos de Precisão	0,0789	0,1110	0,3550	0,5046
88	Equipamentos Fotográficos e Óticos	-0,1754	-0,2015	0,0696	0,3835
89	Outros Manufaturados	0,8032	1,0511	2,1383	1,2966
9	Bens Não Classificados	0,0884	0,0167	0,2965	0,2583

Fonte: Elaboração própria a partir do *Commodity Trade Statistics 1991, 1992, 1993 e 1994*, United Nations.

Tabela 18

Índices de Vantagens Comparativas Reveladas entre Brasil e Argentina

Cód.SITC	Produto	1991	1992	1993	1994
0	Alimentos e Animais Vivos	0,2304	0,3474	0,3828	0,3848
01	Alimentos e Preparados	0,1598	1,2154	1,3676	0,9855
02	Laticínios e Ovos	0,0522	1,0773	0,1992	0,0611
03	Peixes e Preparados	0,2731	0,4116	0,2518	0,2225
04	Cereais e Derivados	0,0007	0,0115	0,0210	0,0243
05	Legumes e Frutas	0,2220	0,3103	0,4292	0,1997
06	Açúcar e Derivados	0,4308	0,9544	1,3816	1,7645
07	Café, Chá, Cacau e Temperos	1,9806	1,5129	1,6925	1,7896
081	Comida para Animais	1,7275	1,4641	1,3589	1,5275
1	Bebidas e Tabaco	1,0563	1,0350	1,4676	1,2651
12	Tabaco e Derivados	0,6998	0,6352	1,3595	0,9604
2	Materiais Brutos não Comestíveis	1,2622	0,9476	1,4528	1,0437
22	Grãos e Frutas Oleaginosas	0,0130	0,0250	0,0000	0,0000
23	Borracha Bruta	1,7819	1,4563	1,6373	1,8417
24	Cortiça e Madeira	1,3722	1,4792	1,7311	1,8429
251	Celulose e Aparas de Papel	1,1610	1,1454	1,4632	1,2905
26	Fibras Têxteis e Resíduos	1,2858	0,3868	0,5876	0,1460
27	Fertilizantes Minerais Brutos	1,0825	0,7823	1,0214	0,9310
28	Minérios Metálicos e Sucatas	1,9576	1,5336	1,7693	1,9157
3	Combustíveis Minerais etc	0,2391	0,2279	0,2087	0,2357
32	Carvão, Coque e Briquetes	0,0000	0,0000	0,0000	0,3045
33	Petróleo e Derivados	0,2489	0,2372	0,2162	0,2466
341	Gás Natural e Industrializado	0,0000	0,0000	0,0098	0,0000
4	Óleos e Gorduras Vegetais e Animais	0,0838	0,1488	0,0943	0,0540
42	Óleos e Gorduras Vegetais Fixas	0,0052	0,0168	0,0236	0,0088
5	Produtos Químicos	1,1789	1,0154	1,2985	1,3554
51	Produtos Químicos Orgânicos	1,2633	1,1135	1,3453	1,3526
52	Produtos Químicos Inorgânicos	0,7232	0,7791	1,0148	1,0870
53	Produtos para Coloração e Curtimento	1,1382	0,8518	1,0394	1,2158
541	Produtos Medicinais e Farmacêuticos	1,0810	0,8341	1,4122	1,7828
55	Produtos para Perfumaria e Higiene	1,0828	1,2703	1,5755	1,5767
562	Fertilizantes Industrializados	2,0088	1,5496	1,7693	1,9234
58	Materiais Plásticos	0,9850	1,0916	1,2417	1,3079
59	Materiais de Produtos Químicos	1,1606	0,9439	1,4334	1,4930
6	Manufaturas Básicas	1,2608	1,2557	1,3826	1,4716
61	Couros e Peles	0,0027	0,0089	0,0048	0,0046
62	Manufaturas de Borracha	1,7786	1,4234	1,4396	1,3610

(continuação)

Cód.SITC	Produto	1991	1992	1993	1994
63	Manufaturas de Madeira e Cortiça	1,6078	1,5180	1,7178	1,8077
64	Papéis e Cartões	1,7155	1,4844	1,7136	1,8385
65	Fios Têxteis	1,0200	1,1633	1,1843	1,1704
66	Artigos Minerais Não Metálicos	1,2900	1,2223	1,4468	1,4749
67	Ferro Gusa e Aço	1,8137	1,4924	1,6821	1,8631
68	Materiais Não Ferrosos	1,3532	1,4131	1,5026	1,3329
69	Manufaturas de Metal	1,3029	1,3084	1,5053	1,7601
7	Máquinas e Equip. de Transporte	1,3455	1,2317	1,2536	1,2722
71	Geradores	0,9326	0,9531	1,0353	1,1826
72	Máquinas Especiais p/ Indústria	1,4104	1,4214	1,6925	1,8102
73	Maquinaria Metalúrgica	0,7182	1,1497	1,0522	1,5785
74	Máquinas Industriais em Geral	1,2665	1,1927	1,4022	1,4812
75	Máquinas de Escritório e Automação	1,4207	1,0681	1,0214	1,2670
76	Equipamentos de Telecomunicação	1,9634	1,5004	1,6495	0,5339
77	Maquinaria Elétrica	1,5585	1,4358	1,6203	1,6735
78	Veículos Automotores	1,4107	1,2355	1,1536	1,1365
79	Outros Equipamentos de Transporte	0,7693	0,7946	1,3803	1,6966
8	Demais bens manufaturados	1,1532	1,2685	1,5050	1,5804
821	Móveis e Peças	0,6512	1,5298	1,7467	1,8579
84	Roupas e Acessórios	1,7055	1,5228	1,7153	1,8221
851	Calçados	1,1220	1,5053	1,6075	1,4687
87	Instrumentos de Precisão	1,0484	1,1068	1,4547	1,6756
88	Equipamentos Fotográficos e Óticos	0,8411	0,8732	1,0428	1,2495
89	Outros Manufaturados	1,3146	1,2968	1,6031	1,5609
9	Bens Não Classificados	2,0088	1,5496	1,3911	1,9234

Fonte: Elaboração própria a partir do *Commodity Trade Statistics 1991, 1992, 1993 e 1994*, United Nations.

Tabela 19

Índices de Comércio Intra-Industrial entre Brasil e Argentina (%)

Cód.SITC	Produto	1991	1992	1993	1994
	0 Alimentos e Animais Vivos	22,9390	44,8336	43,2697	40,0174
01	Alimentos e Preparados	15,9093	43,1352	45,4056	97,5237
02	Laticínios e Ovos	5,1995	60,9561	22,5130	6,3520
03	Peixes e Preparados	27,1875	53,1235	28,4682	23,1352
04	Cereais e Derivados	0,0713	1,4883	2,3695	2,5266
05	Legumes e Frutas	22,1058	40,0460	48,5219	20,7689
06	Açúcar e Derivados	42,8880	76,8140	43,8189	16,5180
07	Café, Chá, Cacau e Temperos	2,8124	4,7396	8,6753	13,9136
081	Comida para Animais	28,0061	11,0357	46,3880	41,1681
1	Bebidas e Tabaco	94,8371	66,4132	34,1071	68,4530
12	Tabaco e Derivados	69,6713	81,9859	46,3161	99,8635
2	Materiais Brutos não Comestíveis	74,3296	77,6914	35,7722	91,4706
22	Grãos e Frutas Oleaginosas	1,2967	3,2274	0,0000	0,0000
23	Borracha Bruta	22,5924	12,0384	14,9215	8,4932
24	Cortiça e Madeira	63,3875	9,0872	4,3157	8,3710
251	Celulose e Aparas de Papel	84,4076	52,1719	34,5970	65,8037
26	Fibras Têxteis e Resíduos	71,9866	49,9283	66,4244	15,1778
27	Fertilizantes Minerais Brutos	92,2288	99,0300	84,5369	96,8107
28	Minérios Metálicos e Sucatas	5,0960	2,0606	0,0000	0,7934
3	Combustíveis Minerais etc	23,8010	29,4128	23,5963	24,5082
32	Carvão, Coque e Briquetes	0,0000	0,0000	0,0000	31,6633
33	Petróleo e Derivados	24,7757	30,6171	24,4348	25,6377
341	Gás Natural e Industrializado	0,0000	0,0000	1,1076	0,0000
4	Óleos e Gorduras Vegetais e Animais	8,3466	19,2021	10,6611	5,6145
42	Óleos e Gorduras Vegetais Fixas	0,5200	2,1720	2,6714	0,9153
5	Produtos Químicos	82,6238	68,9502	53,2176	59,0568
51	Produtos Químicos Orgânicos	74,2227	56,2873	47,9247	59,3525
52	Produtos Químicos Inorgânicos	72,0066	99,4382	85,2861	86,9705
53	Produtos para Coloração e Curtimento	86,6812	90,0661	82,5073	73,5733
541	Produtos Medicinais e Farmacêuticos	92,3767	92,3400	40,3657	14,6203
55	Produtos para Perfumaria e Higiene	92,1911	36,0402	21,9040	36,0427
562	Fertilizantes Industrializados	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000
58	Materiais Plásticos	98,0640	59,1110	59,6417	64,0026
59	Materiais de Produtos Químicos	84,4494	78,1755	37,9706	44,7505

(continuação)

Cód.SITC	Produto	1991	1992	1993	1994
6	Manufaturas Básicas	74,4718	37,9261	43,7150	46,9794
61	Couros e Peles	0,2710	1,1516	0,5397	0,4745
62	Manufaturas de Borracha	22,9220	16,2892	37,2663	58,4773
63	Manufaturas de Madeira e Cortiça	39,9297	4,0730	5,8200	12,0285
64	Papéis e Cartões	29,2087	8,4166	6,2976	8,8218
65	Fios Têxteis	98,4450	49,8613	66,1289	78,2943
66	Artigos Minerais Não Metálicos	71,5627	42,2388	36,4526	46,6336
67	Ferro Gusa e Aço	19,4244	7,3782	9,8541	6,2681
68	Materiais Não Ferrosos	65,2728	17,6130	30,1399	61,3986
69	Manufaturas de Metal	70,2800	31,1249	29,8388	16,9782
7	Máquinas e Equip. de Transporte	66,0391	41,0331	58,2972	67,7153
71	Geradores	92,8519	76,9878	82,9652	77,0316
72	Máquinas Especiais p/ Indústria	59,5810	16,5406	8,6779	11,7724
73	Maquinaria Metalúrgica	71,5052	51,6115	81,0595	35,8594
74	Máquinas Industriais em Geral	73,9064	46,0565	41,4917	45,9735
75	Máquinas de Escritório e Automação	58,5502	62,1461	84,5439	68,2532
76	Equipamentos de Telecomunicação	4,5182	6,3499	13,5381	55,5134
77	Maquinaria Elétrica	44,8393	14,6836	16,8419	25,9858
78	Veículos Automotores	59,5460	40,5404	69,5928	81,8246
79	Outros Equipamentos de Transporte	76,5968	97,4468	43,9752	23,5800
8	Demais bens manufaturados	85,1852	36,2795	29,8726	35,6633
821	Móveis e Peças	64,8366	2,5480	2,5483	6,8094
84	Roupas e Acessórios	30,2013	3,4540	6,0967	10,5257
851	Calçados	88,2924	5,7170	18,2823	47,2801
87	Instrumentos de Precisão	95,6224	57,1543	35,5591	25,7622
88	Equipamentos Fotográficos e Óticos	83,7424	87,2930	82,1217	70,0716
89	Outros Manufaturados	69,1144	32,6301	18,7825	37,6876
9	Bens Não Classificados	0,0000	0,0000	42,7539	0,0000

Fonte: Elaboração própria a partir do *Commodity Trade Statistics 1991, 1992, 1993 e 1994*, United Nations.

Bibliografia

- ARAUJO JR, José Tavares de. Reestruturação Industrial e Integração Econômica. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, vol. 47, n. 1, p. 97-113, 1993.
- BIELSCHOWSKY, Ricardo, STUMPO, Giovanni. A Internacionalização da Indústria Brasileira: Números e Reflexões Depois de Alguns Anos de Abertura. In: BAUMANN, Renato, (org.), *O Brasil e a Economia Global*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996, 167-193.
- _____. Empresas Transnacionales Manufactureras em Cuatro Estilos de Reestructuración en America Latina - los casos de Argentina, Brasil, Chile y Mexico después de la sustitución de importaciones. Santiago, CEPAL, 1994.
- BNDES. O Comércio Bilateral Brasil-Argentina. Rio de Janeiro, Texto para Discussão n. 7, 1993.
- CANUTO, Otaviano. Abertura Comercial, Estrutura Produtiva e Crescimento Econômico na América Latina. *Economia e Sociedade*, Campinas, n. 3, p. 41-63, 1994.
- DORNBUSCH, Rudiger. Los Costes y Benefícios de la Integración Económica Regional. *Pensamiento Iberoamericano*, Madrid, n. 15, p. 13-29, 1989.
- DOSI, Giovanni, PAVITT, Keith, SOETE, Luc. *The Economics Change and International Trade*. London: Harvester Wheatsheaf, 1990, p. 1-14.
- DOSI, Giovanni. Una Reconsideración de las Condiciones y los Modelos del Desarrollo. Una Perspectiva "Evolucionista" de la Innovación, el Comercio y el Crecimiento. *Pensamiento Iberoamericano*, Madrid, n. 20, p.167-191, 1991.

FUENTES K. , Juan Alberto. El Regionalismo Abierto y la Integración Económica. *Revista de la Cepal*, Santiago de Chile, n. 53, p. 81-89, 1994.

GONÇALVES DA SILVA, Ana Lúcia, LAPLANE, Mariano Francisco. Dinâmica Recente da Indústria Brasileira e Desenvolvimento Competitivo. *Economia e Sociedade*, Campinas, n. 3, p. 81-97, 1994.

IBARRA, David. Notas sobre la Integración Latinoamericana. *El Trimestre Económico*, México, vol. LVIII(1), n. 229, p. 199-212, 1991.

KOSACOFF, Bernardo. A Indústria Argentina: da substituição das importações à conversibilidade. *Revista Brasileira de Comércio Exterior*, 40, p. 62-76, 1994.

KRUGMAN, Paul, OBSTFELD, Maurice. *International Economics - Theory and Policy*. Glenview, Illinois: Scott Foresman and Company, 1988.

LUCÁNGELI, Jorge. Intercâmbio Argentina-Brasil em 1994: A Consolidação de um Padrão de Comércio Maduro. *Balança Comercial*, n.132, p. 12-16, 1995.

MEIRELLES, José Gabriel Porcile. *Tecnologia, Transformação Industrial e Comércio Internacional: uma Revisão das Contribuições Neoschumpeterianas, com Particular Referência às Economias da América Latina*. Tese de Mestrado. Campinas: UNICAMP.IE, 1989.

PRESSER, Mário Ferreira. Globalização e Regionalização: Notas sobre o Mercosul *Indicadores Econômicos FEE*, v. 23, n. 3, p. 87-100, 1995

PROGRESSO SÓCIO-ECONÔMICO NA AMÉRICA LATINA. *Exportações de Manufaturas da América Latina*. Washington, p. 214-219, 1992.

REVISTA BRASILEIRA DE COMÉRCIO EXTERIOR, vários números.

SABBATINI, Rodrigo Coelho. *Competitividade e Integração Regional: Um Estudo sobre Reestruturação Industrial e o Mercosul*. Monografia de Conclusão de Curso. Campinas: UNICAMP.IE, 1995.

TAVARES, Maria da Conceição. *Da substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro - Ensaio sobre Economia Brasileira*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

WILLIAMSON, John. *A Economia Aberta e a Economia Mundial - Um texto de Economia Internacional*. Tradução: AZEVEDO, José Ricardo Brandão, Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.